

O Malhete

Informativo Maçônico, Político e Cultural

Linhares - ES, Outubro de 2023 - Ano XV - N° 174 - E-mail: omalhete@gmail.com



A MACONARIA E A INTELIGENCIA ARTIFICIAL

Existe uma inteligência excêntrica subjacente que orienta para um propósito cada vez maior do que o simples conhecimento ou conjunto de dados. É uma Inteligência Metafísica Superior que molda este mundo.

Editorial

Caros leitores,

É com grande entusiasmo que apresentamos a edição de outubro da Revista O Malhete, trazendo como destaque de capa uma temática que tem dado o que falar: "A Maçonaria e a Inteligência Artificial". Nesta edição, exploraremos as complexas interações entre a Maçonaria, uma antiga e enigmática fraternidade, e a revolução da inteligência artificial que está moldando nosso mundo contemporâneo.

No centro desta edição, apresentamos a primeira parte da nova série de artigos intitulada "**Quais as origens da maçonaria e qual a sua idade?**", escrita pelo respeitado **Irmão José Ronaldo Viega Alves**. Com profundidade histórica e perspicácia, o Irmão Ronaldo nos conduzirá por uma jornada que desvendará os mistérios e as origens dessa venerável organização que tem sido uma fonte de fascinação e especulação ao longo dos séculos.

Além disso, estamos orgulhosos em apresentar dois Irmãos estreantes nesta edição. **João Alexandre Paschoalin Fº**,

Membro da Academia Campinense Maçônica de Letras (Campinas – SP), nos presenteia com seu artigo "Diálogo com o Mestre - A Criação e sua Totalidade", explorando aspectos profundos da criação e da totalidade do conhecimento, conectando-os à filosofia maçônica.

Outro Irmão ilustre, **Alexandre G. Galindo**, autor do artigo "Reflexões Epistemológicas na Maçonaria" e Membro Efetivo da Academia Amapaense Maçônica de Letras (Macapá-AP), nos conduz por uma análise esclarecedora sobre as reflexões epistemológicas presentes na Maçonaria, destacando sua importância na busca pela verdade e pelo conhecimento.

Agradecemos a todos os nossos leitores, colaboradores e Irmãos Maçons que tornam possível a realização desta publicação.

Fraternamente,

Luiz Sérgio Castro
Editor

Expediente

Editor:

Ir.: Luiz Sérgio de Freitas Castro
Tel.: (27) 99968-5641
E-mail: omalhete@gmail.com

Jornalista Responsável:
Ir.: Danilo S. Salvadeo
FENAF-ES 0535-JP

Redação:
Av. Henrique Gaburro, 100 - Ap.105 - Torre 3
CEP.: 29.905-070 - Linhares-ES

As opiniões expressas pelos autores nos artigos individuais não representam a orientação e pensamento da direção da Revista O Malhete.

Para qualquer informação, escreva para omalhete@gmail.com ou entre em contato com a redação. Para o mesmo endereço de e-mail, é possível enviar suas contribuições exclusivamente em formato Word.

Agradecemos a todos os irmãos que contribuíram com o conteúdo da revista com seu trabalho neste mês.

GLMEES PÚBLICA DECRETO Nº 008 – GM 2023

Grande Loja publica decreto aprovando regimento interno do Instituto Aly Edmundo Poletti que regulamenta ajuda financeira às Lojas

O Sereníssimo Grão-Mestre Valdir Massucatti, cumprindo mais um compromisso do seu plano de trabalho, baixou o decreto Nº 008 – GM 2023 aprovando o Regimento Interno do Instituto Aly Edmundo Poletti (IAP) que regulamenta o auxílio financeiro às Lojas Jurisdicionadas.

“O regimento é uma demanda antiga dos Irmãos e vai garantir mais transparência, justiça, equidade e disciplina na aplicação dos recursos do Fundo de Amparo e Auxilio Mútuo da Ordem, gerido pelo IAP”, afirmou o Grão-Mestre. O Sereníssimo destacou que a elaboração do regimento contou a participação de diversos Irmãos de várias Lojas e agradeceu o empenho e dedicação da equipe envolvida.

Para receberem recursos do Fundo de Amparo e Auxilio Mútuo, as Lojas Jurisdicionados deverão estar devidamente



habilitadas, e os valores deverão ser aplicados exclusivamente no objeto que motivou o requerimento.

A concessão de auxílio financeiro às Lojas fica condicionada à disponibilidade financeira do IAP. O auxílio está limitado ao percentual máximo de 70% do pedido e será concedido somente às Lojas com comprovada dificuldade financeira e mediante fundada justificativa.

A solicitação de apoio financeiro pode ser realizada para a aquisição de equipamentos, móveis e utensílios; obras e reformas e também em situação de calamidade pública. As Lojas beneficiadas com recursos do IAP prestarão contas de sua aplicação no prazo estabelecido no processo de concessão.

O Instituto Aly Edmundo Poletti passa a ser administrado por uma diretoria designada pelo Grão-Mestre, constituída por presidente, secretário e tesoureiro.





PORTO
GAIA

3 dorms.
1 suíte | 2 vagas



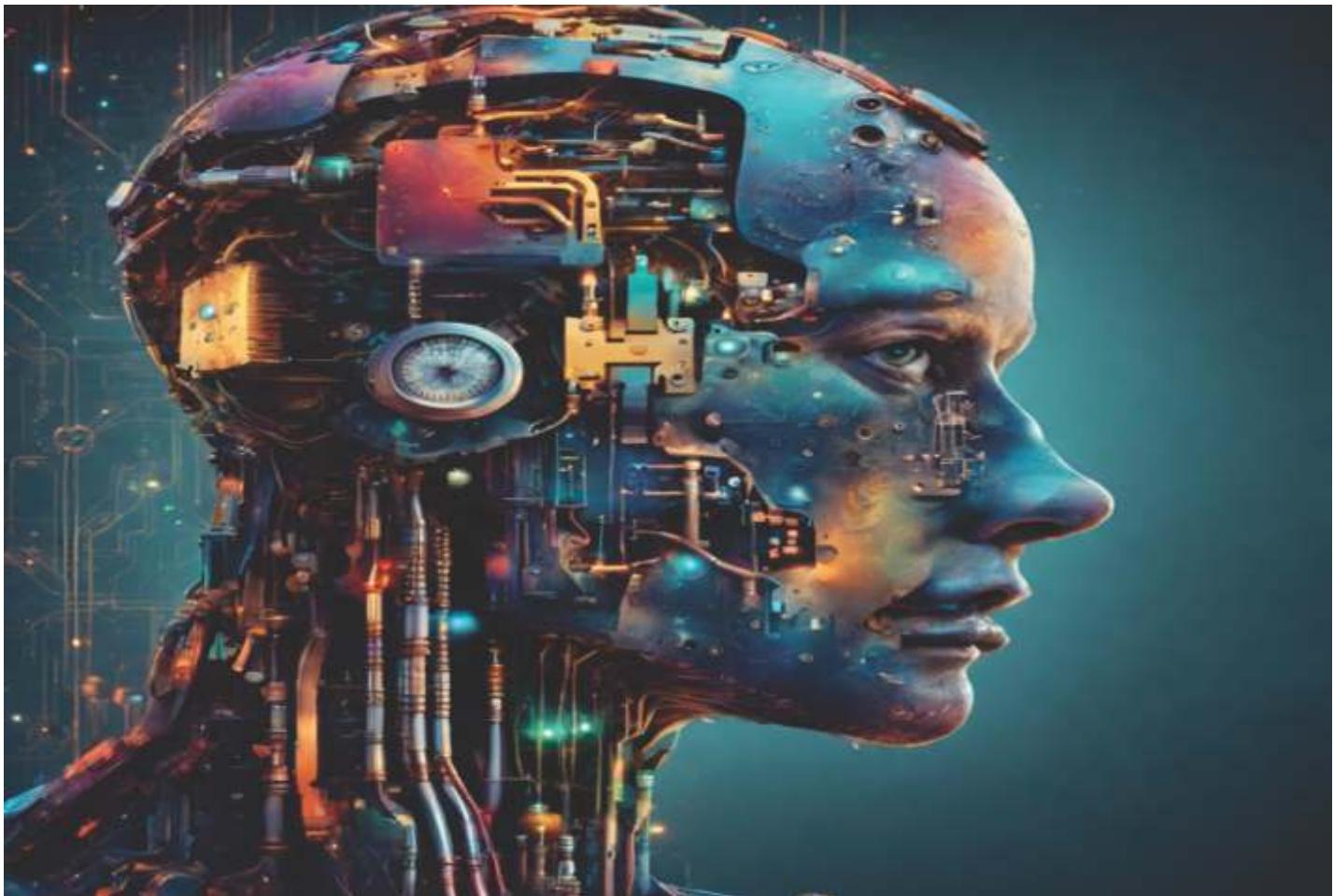
BREVE LANÇAMENTO ▷ UBATUBA

Av Prof Bernadino Querido, 603 - Itagua | Ubatuba
(12) 9 9751-0325 / (12) 9 9650-5051 / (12) 3629-3055
www.construtorataubate.com.br



A MAÇONARIA E A INTELIGENCIA ARTIFICIAL

Existe uma inteligência excêntrica subjacente que orienta para um propósito cada vez maior do que o simples conhecimento ou conjunto de dados. É uma Inteligência Metafísica Superior que molda este mundo.



Podcast Ouça a matéria clicando aqui

Por Fr. Prometheus + I.A.

Na biblioteca da velha guarda, livros estão empilhados por toda parte, junto com fotocópias com parágrafos destacados em cores vivas. Esta cena caótica evoca imagens dantescas, mas é também um exemplo do fervor obsessivo de um aprendiz dedicado a encontrar a chave que tudo revela. Este aprendiz não precisa de nada mais do que um livro e sua mente para alcançar uma rara compreensão que transcende os limites da

ilustração convencional. No entanto, vivemos numa era globalizada de mudanças rápidas, onde a reflexão profunda sobre aspectos fundamentais da existência é escassa. Isto teve um impacto nas instituições maçônicas e na qualidade do ensino. O ensino é apresentado de forma fragmentada e superficial, muitas vezes com características desconstrucionistas e rizomáticas, que parecem depender apenas de preferências pessoais e ideológicas. Em muitos casos, carece de apoio filosófico, científico ou mesmo místico, e baseia-se cada vez menos na prática operacional. Neste contexto, aqueles que vão além e não se conformam com os conceitos polissêmicos primários da “pós-modernidade maçônica” são condenados no espaço público. Esses indivíduos são acusados de não seguirem o politicamente correto e de serem egocêntricos. Contudo, é importante lembrar que aqueles que consideram o jejum místico como um mérito voluntário na busca pelo ocultismo estão entrando na vanguarda iniciática a partir de uma fonte algorítmica não artificial. Estão a afastar-se da maquinaria cibernética que mapeia a nossa busca pelo eterno e pelo sagrado, algo que muitos ainda não compreenderam.

A má interpretação do ocultismo está entrelaçada com a lógica sombria da fé. Os rationalistas ateus e os deístas neopagãos muitas vezes interpretam mal este conceito. Consideram o ocultismo obscuro e o subordinam a uma árdua corrida para concretizar um projeto iniciático.

Pelo contrário, o maçom profundo distancia-se de meros aniversários e dados intelectuais, bem como do suposto “brilho” emanado dos círculos “psicomágicos”. Desafiamos aqueles que fazem esta interpretação errada e simpatizamos since-

ramente com eles.

O que foi dito acima pode parecer uma declaração de intenções, mas na realidade depende dos tempos em que vivemos. A razão é simples e preocupante: alertar sobre o circuito primário de uma incipiente maquinaria padrão que se infiltrou sub-repticiamente na Ordem Maçônica, automatizando o conhecimento iniciático. Aqueles que atuam como infiltrados no ensino maçônico são responsáveis por desviar os neófitos para ideologias através do conhecimento digital inofensivo, longe da tradicional ideologia analógica da escola de mistérios maçônica. Portanto, consideramos essencial destacar os efeitos desta era de conflagração tecnológica na Maçonaria, onde se perde a essência formativa da sua doutrina ancestral mencionada na primeira parte deste artigo.

Da mesma forma que um banho frio nos acorda imediatamente em situações de extrema sonolência e pressa, a tecnologia esfrega na nossa cara uma obsolescência planejada avassaladora. Hoje, a riqueza de conhecimento que serve de base para nossa jornada pessoal e coletiva está diluída e flui como rios de dados programáveis por diversas camadas e protocolos. Isto representa apenas 2% da informação partilhada e descarregável na Internet superficial. Como resultado, tornamo-nos internautas espíritas, levados pela corrente da “Nova Era”



digital, onde tudo o que é esotérico é monopolizado e revelado de forma grosseira disponível através de métodos enjoativos de autoajuda.

Milhões de servidores acabam sendo bacias onde se escondem as “pepitias de ouro” informacionais de nosso interesse. Imerso em redes profundas, se você souber navegar por lá, a maquinaria cibernetica vai pesquisando-as e juntando-as, ao mesmo tempo que as “bateias”. Mas, para encontrar informações digitais de valor para o caminho de iniciação empreendido, é preciso investigar. É aí que reside a chave e também a queda. Cada pesquisa, clique, download, tentativa, gosto, desejo, mensagem, etc., sua, é registrada em servidores espalhados nas partes mais loucas e remotas do mundo. Suas informações, leitor iniciado, estão sendo armazenadas para estudo e desenvolvimento de antecedentes que determinam seus padrões de busca e preferências, na grande catedral da nova religião da informática, ou seja, o Vale do Silício.

A filosofia “acordada” do Vale do Silício: uma ameaça à democracia?

Nos últimos anos, o Vale do Silício viu um aumento na política liberal e de esquerda. Estas políticas, que incluem a equidade racial e social, o feminismo, o movimento LGBT, a utilização de pronomes neutros em termos de género, o multiculturalismo, a utilização de vacinas, o ativismo ecológico e o direito ao aborto, foram incorporadas no mercado de grandes consórcios digitais. Este conjunto de ideias é conhecido como filosofia "acordada" e tem sido criticado por aqueles que acreditam que representa uma mudança profunda nos fundamen-

tos políticos, filosóficos e culturais da sociedade ocidental. Segundo estes críticos, a filosofia “acordada” promove a homogeneização e o controlo no desenvolvimento de aplicações digitais ultratecnológicas, o que não está em linha com os análogos culturais básicos do Ocidente. Da mesma forma, alguns críticos, como a investigadora da Universidade de Oxford, Marietje Schaake, argumentam que as empresas do Vale do Silício cometem um erro ao pensar que as suas intenções e resultados são bons. Na sua opinião, as decisões dos seus executivos tiveram consequências negativas para a economia, criando monopólios que evitam impostos, capturando linhas de cooperação logística e estratégica e utilizando dados para influenciar o pensamento político. Neste contexto, é importante considerar as implicações da filosofia “acordada” para a democracia. Esta filosofia representa uma ameaça à diversidade de pensamento e à liberdade de expressão? Ou, pelo contrário, é um passo necessário para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária? Estas são questões complexas que merecem uma reflexão séria. No entanto, é importante notar que a filosofia do “acordado” é um fenómeno relativamente novo e ainda não está claro quais serão as suas consequências a longo prazo.



O desafio da formação maçônica na era digital

O panorama filosófico de gestão das nossas informações e preferências representa um desafio para a formação maçónica. Num contexto onde a informação está disponível em abundância, como garantir que o ensino maçónico seja sólido e coerente? Este desafio é particularmente importante na esfera digital.

Os ambientes digitais oferecem novas possibilidades para a educação, mas também apresentam riscos. Por um lado, a tecnologia pode facilitar o acesso à informação maçónica de alta qualidade. Por outro lado, também pode ser usado para divulgar informações erradas ou enganosas. Além disso, os ambientes digitais podem dificultar a formação de relacionamentos pessoais e a transmissão de conhecimento pelas formas tradicionais. Na Maçonaria, o treinamento é baseado na interação entre os iniciados e seus instrutores. Em ambientes digitais, esta interação pode ser mais difícil de conseguir. A Maçonaria deve enfrentar o desafio da formação maçónica na era digital. Para isso, é necessário desenvolver novos métodos de ensino que sejam eficazes neste contexto. Estes métodos devem ser capazes de garantir a qualidade do ensino, ao mesmo tempo que incentivam a interação pessoal e a transmissão de conhecimentos de forma tradicional.



A inteligência artificial (IA) é uma disciplina científica que busca criar máquinas capazes de pensar e agir de forma semelhante aos humanos. Nos últimos anos, a IA tem registado um rápido desenvolvimento, dando origem a avanços tecnológicos que transformaram a forma como vivemos e trabalhamos.

John McCarthy, um dos fundadores da IA, definiu a disciplina como “a ciência e a engenharia da criação de agentes inteligentes”, onde um agente inteligente é aquele que pode agir de forma autónoma para atingir os seus objetivos. A IA tem sido usada para desenvolver uma ampla gama de aplicações, desde assistentes virtuais e chatbots até sistemas de reconhecimento facial e veículos autônomos. Essas aplicações melhoraram a qualidade de vida das pessoas em muitos aspectos, como saúde, educação e transporte.

No entanto, a IA também tem um potencial obscuro. Por exemplo, a IA poderia ser utilizada para desenvolver armas autónomas que poderiam causar danos sem intervenção humana. Além disso, a IA poderia ser usada para manipular a opinião pública ou cometer crimes cibernéticos. Em 2018, o Conselho da União Europeia publicou um relatório sobre os riscos da IA. No relatório, o Conselho manifestou preocupação com a utilização da IA no domínio do armamento.

Em resposta a estas preocupações, mais de 24.000 cientistas assinaram uma carta comprometendo-se a não investigar a utilização da IA no domínio das armas. No entanto, esta carta não garante que a investigação em IA neste domínio não seja realizada clandestinamente.

A inteligência artificial (IA) está avançando na criação de metadados e processos neurais não humanos. Este desenvol-



vimento é considerado por alguns como um impulso por parte dos burocratas e grupos de poder para padronizar as atividades resultantes de espaços sociais e políticos interativos. O objetivo seria controlar culturalmente o indivíduo, de forma totalitária.

As preocupações com a IA baseiam-se no perigo potencial de controlo da acção humana por grupos de pressão empresariais privados e estatais. Um exemplo concreto disso é a China, onde o monitoramento é constante e a vigilância com câmeras chegou ao absurdo de controlar a forma como o lixo é retirado ou se uma pessoa usa ou não máscara em tempos de pandemia.

A IA é uma tecnologia poderosa com potencial para transformar a humanidade. No entanto, é importante estar consciente dos riscos da IA e tomar medidas para os mitigar.

Fonte: Revista Anfora nº 32



A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO INTERIOR E A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO MATERIAL

Podcast Ouça a matéria clicando aqui

Por Dário Angelo Baggieri



Havia uma Loja Maçônica Referencia regional, em uma das capitais do Sudeste, que estava passando por um imbróglio temporal, por estar ainda sem seu Templo Físico Construído, após um período de ter –se mudado do Templo Original, em que trabalhava, para outro em sistema de compartilhamento, que em essência, não diminuía a pujança de suas reuniões presenciais, mas faltava aquela Egrégora nostálgica de outrora, da sede própria.

Trabalho árduo e penoso a construção material do Templo Maçônico, pois há inúmeros paradigmas a serem superados, tanto no campo material, como espiritual e é mister, que todos os amados irmãos estejam imbuídos nesse processo de reconstrução do Templo da Loja e sabemos, o quão financeiramente, isso impactaria nas finanças de muitos irmãos.

O Landmark de número 9, com sua redação doutrinária nos determina que : “Os Maçons se 'energizam' em Lojas Simbólicas.” Logo, toda a Loja deve os Irmãos congregarem e esta congregação deve se dar por conta da argamassa composta pelos 3 (três) elementos, sendo eles: “Paz, Harmonia e Concórdia” que unidos e misturados torna-se a “tríplice argamassa” que une os nossos trabalhos, que une nossas energias, e que une os nossos conhecimentos tirando-nos das trevas” Não só das trevas físicas, da ignorância, mas também das trevas do comodismo, do não compromisso com o programa e projeto de reconstrução de seu templo .

Sabemos ser árdua esta construção, pois, tal como a pedra nos chega imperfeita para ser polida e para tanto, necessário faz extrair-lhe as lascas irregulares com trabalho árduo e preciso, na firmeza do direcionamento da ponta do cinzel e com a batida precisa do maço nivelando-a, até que chegamos ao ponto de termos de usar novas ferramentas para darmos seu acabamento certo e chegarmos a sua perfeição. Estas novas ferramentas nos obriga a buscar mais conhecimento para o seu uso e domínio e ai, podermos extrair destas as percepções necessárias para a modelagem de nosso eu interior, tal como queremos dar ao acabamento da pedra bruta que nos foi confi-

ada e que será utilizada na construção a prumo do Templo da nossa Maçonaria. Ai entra o esquadro que nos dará a medida certa dos seus ângulos retos, tais como a medida correta que devem ter nossas atitudes; o compasso para sabermos a amplitude que devemos e podemos dar a nossa obra; a régua para configurar a retidão de nosso caráter e nossas atitudes para conosco, com a família, com a sociedade maçônica e profana; a alavanca para que possamos multiplicar nossas forças, pois a construção feita, mesmo com a pedra já polida uma a uma, o seu manuseio é penoso demais para o trabalho de um só homem por mais aplicado que seja. Assim é nossa construção pessoal, moral e espiritual, pois para lapidarmo-nos temos que, na literalidade, tirar de nós as lascas dos vícios e das paixões que somos expostos no mundo profano, pois muitas vezes as atitudes profanas que praticávamos não são aceitas dentro da Nobre Arte causando-nos conflitos internos e por esta razão sabemos que isto dói na mente.

Rizzardo Da Camino, nos remete a uma profunda reflexão ao parafrasear sobre o tema em Epígrafe, Essa expressão é usada de modo simbólico e diz respeito ao trajeto que o Aprendiz deve percorrer até conseguir colocar-se diante do Altar, para contemplar a Deus. É a construção interior do gran-



de templo espiritual, individual e coletivo, ao mesmo Tempo. Diz-se, também, quando uma Loja resolve constituir seu templo material, onde, como oficina, desenvolverá seu trabalho. A construção do templo interior individual deve iniciar-se com a seleção das pedras de alicerces, ou seja, escolher as pedras brutas que se prestarem ao esquadrejamento, para depois desbastar-lhes as arestas. Ao construírem-se os alicerces, devem ser empregados os instrumentos próprios da construção, e isso com conhecimento. Se o maçom não souber usar o Nível e o Prumo, as paredes que pretende erigir cairão e o trabalho terá sido em vão. O templo interior coletivo será a soma dos Templos individuais, onde serão convidados os Irmãos para, em coro, primeiramente louvar ao Senhor, e depois cultivar o amor fraterno. Na Cadeia de União unem-se como elos os Templos individuais no interior. O trabalho na oficina maçônica será global e coletivo. A construção ou a reconstrução interior do ser humano é o ideal da Maçonaria.

Após esse preâmbulo, retornamos à construção de nosso templo físico, material. O templo Maçônico não é uma Igreja, não é apenas um local de reunião, não é propriedade privativa de qualquer indivíduo. Ele enseja toda uma filosofia, toda uma simbologia e possui ainda, depois de consagrado, todo um esoterismo próprio, advindos das energias do macrocosmo.

Nossa loja é nossa casa, nosso centro de convergência de ideias e ideais, também representa o ponto equinocial do cerne de nossa integração como irmãos em verdade e em espírito. A ideia essencial de templo é e sempre foi a de um local designa-

do especialmente para um trabalho considerado sagrado; num sentido mais restrito, o templo é um edifício construído e dedicado exclusivamente para ritos e cerimônias sagradas. Todos os templos antigos, qualquer que fosse o uso ao qual estivessem destinados, apresentavam esta característica comum de orientação, muitas vezes com maravilhosa exatidão. primeira magnitude (como Sirius, Canopus, ou a Estrela Polar, em certos templos egípcios). Quanto às três dimensões do Templo, podemos considerá-las até certo ponto equivalentes; tanto o Norte e o Zênite, como o Oriente, indicam o Mundo Divino dos Princípios ou domínio do Transcendente; enquanto o Sul, o Nadir e o Ocidente representam, de diferentes modos, o mundo manifestado ou fenomênico. A diferença baseia-se principalmente em que a direção do Oriente ao Ocidente refere-se à Senda da vida ou Caminho do Progresso; a do Norte ao Sul, à Lei dos ciclos, que nos aproxima alternativamente do domínio das Causas e dos Efeitos; e a vertical, ao Pai e a Mãe, de quem somos igualmente filhos, ou seja, às duas gravitações, celestial e terrena, que respectivamente atraem nossa natureza espiritual e material.

Também podemos ver nestas três direções dimensionais





uma alusão aos três movimentos da Terra: de rotação (Oriente-Ocidente), de revolução (Norte-Sul) e de precessão (Zenite-Nadir): ou seja, as três dimensões dinâmicas do mundo em que vivemos. Concluindo, após essa explanação que ensejamos acima, só nos resta a olhar para dentro de nosso templo interior e vermos o quanto ele precisa ser lapidado a cada dia, pois somos seres em perpétua construção em busca da perfeição evolutiva, sem esquecermos também de incluir nessa auto-análise a pergunta: “o quanto serei responsável pela construção do templo erigido para minha amada oficina??” Como sempre digo: Respondeu com franqueza, a sua resposta não nos ofenderá.



QUAIS AS ORIGENS DA MAÇONARIA E QUAL A SUA IDADE? (Parte I)

Podcast Ouça a matéria clicando aqui

Por José Ronaldo Viega Alves



A história e a evolução da Maçonaria ao longo dos séculos, é um tema sempre capaz de despertar em nós um certo fascínio. Sabemos que as suas origens remontam à antiguidade, mas, as perguntas “Onde? Quando? Como?” continuam ecoando à nossa volta. As mesmas que provocaram e ainda provocam o surgimento de teorias com o objetivo de elucidar o mistério, ainda que, nenhuma delas pareça ter atingido uma versão a ser considerada definitiva. Uma histó-

ria, tal como a da Maçonaria, envolverá em suas origens vários cenários, cobrirá vários períodos, assim como, fará desfilar dezenas de personagens e situações. Uma história da Maçonaria, sabemos, conterá em seu desenvolvimento a absorção de uma variedade muito grande de influências. Assim como, sabemos também, que as histórias construídas assim possuem suas precariedades, não havendo como negarmos que ela possui ainda muitas pontas soltas esperando ser amarradas por parte dos seus estudiosos. Sobram, portanto, até os dias atuais, várias contradições e polêmicas que acompanham o conjunto todo das muitas teorias e especulações que nasceram em torno das buscas pelas suas origens.

Vamos tentar elaborar aqui outra vez essa história, longe de ser a antepenúltima, a penúltima ou a última. Para o Maçom interessado e estudioso sempre surgirão livros, artigos e mesmo traduções de livros já existentes em outras línguas, que vem para acenderem novas “luzes” em termos de conhecimento. Essas informações que acrescemos a esse conhecimento, frutos das nossas intermináveis leituras, devemos sim compartilhar com todos os Irmãos, mas, principalmente, aqueles que todo o tempo tem em sã consciência a certeza de sua condição, independente do Grau em que estejam colados se consideram eternos aprendizes.

DAS OPINIÕES DOS ESTUDIOSOS A RESPEITO DA IDADE E DAS ORIGENS DA MAÇONARIA

Vejamos na sequência três opiniões escolhidas de maneira um tanto aleatória, três pontos de vista diferentes sobre as suas origens e a sua provável idade, as quais nos darão uma ideia

sobre a natureza delicada do tema que iremos abordar daqui em diante.

H. L. Haywood⁽¹⁾, um dos grandes pesquisadores da Maçonaria. Quando se referindo às origens dessa instituição, fez a seguinte pergunta: “*Quantos anos tem a Maçonaria?*”

A resposta que ele mesmo forneceu para a questão vem na sequência de uma forma resumida, claro.

Haywood escreveu nessa ocasião que a resposta iria depender do significado que é dado para a Maçonaria. Se fosse para fazer referência a qualquer tipo de sociedade secreta, ela seria tão antiga quanto o mundo. Se o significado fosse em referência à uma sociedade secreta que se utiliza de alguns dos nossos símbolos e sinais, isso poderia ser rastreado aqui e ali e em vários países ao longo dos séculos. E num sentido mais restrito, ou seja, se referindo a um homem que começou em uma oficina simbólica da Maçonaria regular trabalhando sob a autoridade de uma loja regular, então teria pouco mais de 300 anos. E ainda se for para ser relacionado às organizações com as quais essa Maçonaria especulativa moderna pode formar uma continuidade histórica incontestável, aí ela poderá ser datada nos séculos XII ou XIII. (Haywood, 2022, pág. 46)

Uma outra opinião: o Ir.'. Raimundo Rodrigues, no seu livro “Maçonaria Filosofia & Doutrina”, citou um pesquisador, o



Ir.'. Darley Worm, o qual é o autor do trabalho “Nuvens Preocupantes nos Horizontes da Maçonaria”, de onde reproduzimos o seguinte trecho:

“Para obtermos a idade da Maçonaria, temos de distinguir a Instituição, dos seus conteúdos, estes sim, milenares, conforme alguns autores; eternos segundo outros... Os conteúdos que a Maçonaria assumiu, já eram milenares quando Salomão nasceu na casa de Davi e é puro delírio febril alguns autores falarem em Maçonaria Arcaica, Antiga ou Arqueológica. Os conteúdos com que lidamos hoje, já eram veneráveis para as escolas de mistérios (Eleusis, etc.), para os teosofistas, para os rosa-cruzes, para os gnósticos, para os alquimistas, para os Collegia Fabrorum⁽²⁾; ainda que tenham um grande número de pontos em comum..., nem Pitágoras, nem Jesus, nem Platão, etc., eram maçons, pela simples razão de que a Maçonaria (como Instituição) nem havia sido criada.” (Rodrigues, 2000, pág. 26)

Por último, vejamos a opinião do escritor e historiador francês Jean-Marie Rivière⁽³⁾ ou (Jean-Marquès Rivière), também em referência à história da Maçonaria:

“Escrever uma história da Maçonaria é uma obra tremenda, por ser o estudo de sua história confuso, difícil e fastidioso, tudo ajudando para o seu obscurecimento: a ausência de documentos, a discórdia quanto às suas origens e a paixão dos seus fiéis como a de seus detratores.” (Aslan, 1979, pág. 10)

Antes, é preciso que se reforce aquilo que chega a ser óbvio: grande parte dessa história, ao ponderarmos as narrativas de determinados autores, no momento aquele em que situam as



origens da Maçonaria em tempos remotos, automaticamente nos transportam para uma época em que não havia registros escritos, em outras palavras, onde havia a carência de documentação. Essa grande parte da “história” da Maçonaria, ainda que, contenha elementos aceitáveis não são a sua história propriamente dita, mas, especulações sobre a sua história.

Com isso, vão surgir mais questões: Por onde começar sua longa história? Certamente, aqui haverá duas situações bem distintas, às quais durante o desenvolvimento do trabalho deverão ser respondidas tomando como base duas outras: onde situarmos cronologicamente as possíveis origens da Maçonaria? Em que momento da sua história essa Instituição à qual nós pertencemos ganha o nome oficial de Maçonaria?

OS MISTÉRIOS ANTIGOS

Muitos escritores maçônicos não economizaram esforços em atrelar uma descendência direta da Maçonaria aos mistérios antigos, só que esse caminho acabou se revelando por vezes um tanto confuso, gerando com isso mais presunções e dúvidas.

O que de certa forma nos remete ao já citado anteriormente, onde fomos alertados para fazer a distinção entre a instituição e os seus conteúdos milenares.

Ainda assim, devem ser levadas em consideração o que podemos chamar de semelhanças entre a nossa Fraternidade e alguns cultos praticados na antiguidade, como é o caso do Mitráismo⁽⁴⁾, por exemplo.

Algumas das características em comum entre o Mitráismo e a Maçonaria são elencadas por H. L. Haywood em seu “Capítulo da História Maçônica e Manuscritos Antigos”, sendo que, dentre elas pode-se destacar o mitreum⁽⁵⁾, um local de reunião que ele chega a comparar com uma loja.

Não deixa de ser, no mínimo curioso (esses artigos de H. L. Haywood reunidos no livro citado, originalmente, foram publicados separadamente na famosa revista “The Builder”, entre os anos de 1915 e 1930) o fato de que Haywood confessa ter escolhido falar sobre o culto de mistério denominado Mitráismo por este ser um dos maiores e dos mais interessantes. (Haywood, 2022, pág. 47).

O mesmo Haywood, um pouco mais adiante em seu livro, cita ao Ir.'. Hipólito José da Costa⁽⁶⁾, autor da teoria dos Artífices Dionisíacos”, à qual Haywood inclui como uma das teorias que traçam alguma continuidade, ainda que tênue entre os collegia Romanos e a Maçonaria moderna. Essa teoria será explicada mais adiante. E o “no mínimo curioso” que acabei de atribuir acima, é sobre o fato de que Haywood dedica aproximadamente 20 páginas do seu livro para falar a respeito do Mitráismo, isso bem antes de se referir à teoria dos Artífices do Hipólito da Costa, à qual ele se refere, na verdade, em pouquíssimas linhas.

Já ao efetuarmos a leitura da teoria do Ir.'. Hipólito da Costa, na íntegra, constataremos que ele, antes de tecer suas conside-

rações sobre os Artífices, introduz toda uma gama de informações sobre os antigos mistérios, onde fala do Mitraísmo, como ponto de partida, ainda que egípcios e gregos depois também cultuaram o sol e criaram seus cultos de mistérios.

Ou seja, ideias filosóficas e religiosas correntes nas escolas de mistérios da Grécia antiga, parecem servir para vários historiadores como um ponto de partida para a Maçonaria. E o conceito vai se robustecer mais adiante como sendo “raízes religiosas e corporativas”

O Ir.'. Joseph Fort-Newton, historiador e Maçom, cita o filósofo alemão Krause, como aquele que foi o pioneiro em observar que as antigas ordens de arquitetos haviam sido as antecessoras da Maçonaria Moderna. Ele seguiu suas pegadas e constatou que, de tempos em tempos elas se perdiam em vazios.

Começou com a fraternidade dionisíaca de Tiro, depois os Collegia romanos, até chegar aos arquitetos e Maçons da Idade Média. (Fort Newton, 2000, pág. 81

Vamos dar início a este trabalho seguindo uma linha de pesquisa muito semelhante, eis que, essa fraternidade constituída de arquitetos já foi alvo de um trabalho praticamente recente, o qual foi publicado em capítulos, como veremos a seguir.

OS ARTÍFICES DIONISÍACOS

Do mês de janeiro ao mês de abril do corrente ano (2023), foram publicados aqui na revista “O Malhete”, uma série de quatro artigos com o título de “Uma Provável Relação dos Artífices Dionisíacos Com a Construção do Templo de Salomão”.

Até pouco tempo atrás, se alguma vez houve menção aos Artífices em alguma das muitas leituras que havia feito nem

cheguei a memorizar o nome, tão superficial deve ter sido. Já quase ao final do ano de 2022 foi lançado um pequeno livro intitulado “Esboço Para a História dos Artífices Dionisíacos”, de autoria do ilustre jornalista e Maçom brasileiro Hipólito José da Costa, o qual viveu grande parte da sua vida na Inglaterra. O livro, na verdade uma tese, foi traduzido pelo Ir.'. José Fillardo.

Não vamos entrar aqui em muitos detalhes (Vide os artigos completo nos números 165, 166, 167 e 168 de “O Malhete”) pois, está tudo bem explicado nos mesmos. A menção que faço ao livro e aos artigos, é mais pelo fato de que depois de ter conhecido na íntegra a teoria do Ir.'. Hipólito, isso me fez colocá-la num primeiro momento como a possibilidade mais antiga de uma fraternidade de artesãos voltada para a construção, o que a enquadraria lá nos primórdios de uma Maçonaria Operativa.

Os Artífices Dionisíacos eram considerados seguidores de Dionísio ou Dioniso⁽⁷⁾, um dos deuses da Grécia antiga.

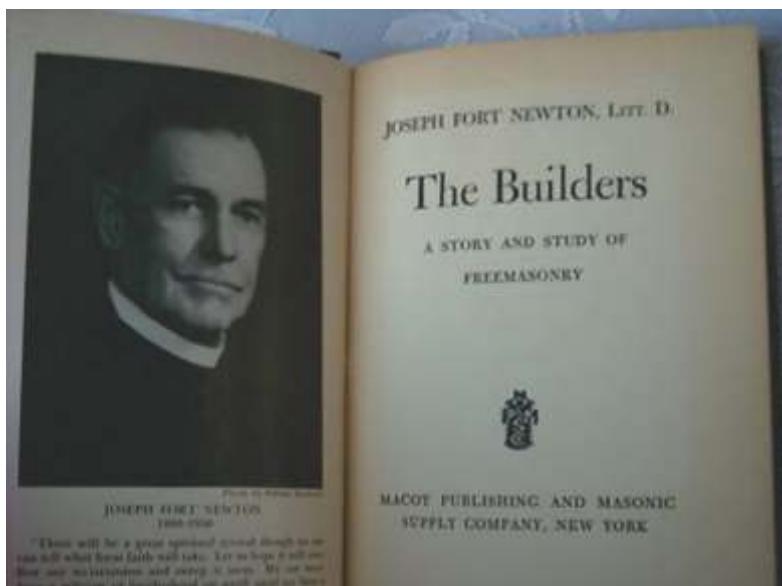
Após ter acesso ao livro, a partir daí meu interesse na história dos artífices cresceu bastante, tanto que, acabei pesquisando sobre eles em livros que já tinha, mas, mas não havia lido-os na íntegra. Foi o caso do clássico “Dicionário de Maçonaria”, do Ir.'. Joaquim Gervásio de Figueiredo, onde encontrei no conteúdo do verbete “Mistérios de Dionísio”, algumas informações sobre os Artífices.

Cumpre ressaltar então, daquilo que li no verbete, as passagens seguintes: “*Entre os seguidores desta forma básica dos Mistérios se achavam os célebres Artífices Dionisianos, uma sociedade secreta, comprometida pelos mais rígidos jura-*

mentos a não revelar os seus sinais e palavras de passe, e adotando emblemas emprestados do ofício de construtores. (...) Aparentemente chegaram à Fenícia uns cinquenta anos antes da construção do templo do Rei Salomão e só a sua presença pode explicar amaneira como se construiu aquele templo. Com efeito, a própria Bíblia torna indiscutivelmente claro que o templo não foi construído por judeus, que naquela época eram um povo agrícola, totalmente incapazes de compreender a tarefa de construir um edifício tão bem elaborado. (...) Da Fenícia se espalharam templos pela Ásia Menor, e depois pela Grécia, donde no decurso do tempo, sem dúvida colonizadores gregos levaram membros da corporação para a Magna Grécia, antiga denominação do sul da Itália.” (Figueiredo, 2009, págs. 266-267)

Para nos situarmos melhor na linha do tempo: o Templo de Salomão, teve seu início de construção em 1012 a.C., sendo finalizado no ano de 1005 a.C.

Outro grande historiador da Maçonaria, Joseph Fort Newton, quando se referindo aos Artífices, comentou em seu livro “Os Maçons Construtores” a respeito de Estrabão (63 a. C – 24 d. C.), historiador, geógrafo e filósofo grego, que em sua obra monumental “Geografia” (composta de 17 livros) deixou registrado sobre se ter encontrado vestígios dos arquitetos dionisíacos na Síria, na Pérsia e na Índia.



Depois teriam atravessado a Ásia Menor, entrado na Europa por Constantinopla, até se espalharem pela Grécia e Roma. Em Roma teriam dado origem aos Collegia, sendo que, essas lojas floresceram por todo o Império Romano e teriam sido encontrados vestígios deles na Inglaterra no séc. I da nossa era. (Fort Newton, 2000, pág. 81)

Sobre o ensaio do Ir.'. Hipólito da Costa (1774-1823), o qual foi publicado no ano de 1823, o seu objetivo maior era de tentar provar que a Maçonaria Moderna tinha suas origens assentadas no pensamento religioso e filosófico da Grécia antiga, onde coube então falar dos Artífices primeiramente porque eram também seguidores de Dioniso e praticantes dos Antigos Mistérios. A partir dessa primeira constatação, o Ir.'. Hipólito faz uma descrição minuciosa sobre os Antigos Mistérios, os ritos mitraicos e os cultos solares, onde pretendeu mostrar principalmente a importância dos chamados mistérios de Elêusis ou Dionisíacos no contexto grego antigo, sendo que esses conhecimentos foram transmitidos também para várias nações.

Para chegar até a participação desses artífices na construção do Templo de Salomão, o Ir.'. Hipólito dá prosseguimento à sua teoria falando a respeito dos jônios. Cinquenta anos antes do início da construção do Templo, um grupo de gregos teria emigrado para a Ásia Menor, sendo em sua maioria jônios e lá fundaram um país que chamaram Jônia. Com o passar do tempo eles progrediram e se destacaram nas artes e nas ciências. Um grupo de jônios acabou formando uma sociedade com o objetivo de construírem edifícios, sendo que, mais adiante, passaram a ser admirados pelas suas obras de arquitetura. E aí

reside também a origem dos Artífices Dionisíacos.

COMENTÁRIOS:

Esta teoria de autoria do Ir.'. Hipólito da Costa, não sei se podemos afirmar, teve como um dos seus maiores seguidores ao Ir.'. Joseph Fort Newton que, entre os muitos argumentos que apresentou em seu citado livro, defendeu a ideia de que, se era aceito o princípio na época de que as leis da arquitetura deveriam ser segredos guardados a sete chaves, ou melhor, segredos que somente os iniciados poderiam compartilhar, isso nos leva ao pertencimento dos mesmos à uma sociedade secreta.

Mas, a interpretação do Ir.'. Joseph Fort-Newton a respeito da teoria dos Artífices Dionisíacos do Ir.'. Hipólito da Costa, também deixa claro que, em sua essência ela continha a ideia de que esses artesãos e suas lojas foram empregados na construção do Templo e que eles guardaram depois os segredos da sua arquitetura, até que, o último desses artífices a transmitiu, da forma como era praticada, aos Collegia romanos. Fort-Newton considerava que tanto as evidências, assim como, as autoridades que foram apresentadas por Da Costa eram inegáveis.

Independente disso, o Ir.'. Haywood, membro da famosa Loja de pesquisas Quatour Coronati arrematou que, para o estudante da evolução da Maçonaria, a história dos



Hipólito da Costa

colégios é mesmo de grande importância. Porém, sobre a ideia apaixonada, digamos assim, de que essas associações da antiguidade eram lojas Maçônicas em seu sentido literal, o que daria até fazer com que remontássemos a existência da própria Maçonaria a 1000 a. C. ou até mais, deve ser posta de lado, “*exceto em um sentido tão amplo, quase esvaziando a ideia de qualquer significado.* ”. (Haywood, 2022, pág. 72)

Como o leitor já percebeu, ao se considerar os Artífices Dionisíacos como precursores dos futuros colégios e corporações, estariámos então situando as origens da Maçonaria a uns 1000 anos a. C., como já foi mencionado, o que nos daria uma ideia ou uma noção mais aproximada de até onde podemos recuar, pois, qualquer outra teoria que porventura recuasse ainda mais, dificilmente, ganharia algum apoio.

Com relação ao que foi descrito como provas durante a construção do Templo pelos artífices, está a citação do Ir.'. Figueiredo, à qual Estrabão seria a fonte de onde aprendemos que os principais arquitetos e homens que atuaram na construção do Templo vieram da Fenícia, pois, nas fundações admitidas como as do primeiro templo foram encontradas letras fenícias ... (Figueiredo, 2009, pág. 266)

A questão que se impõe aqui é: Onde estão essas fundações admitidas como sendo do Primeiro Templo? Ao que sabemos, a arqueologia bíblica até agora somente encontrou outros templos um pouco semelhantes ao Templo de Jerusalém, mas, não as fundações deste último.

Mas, também como já disse antes novas leituras vem para acrescentar novas informações. A leitura recente do livro “La Masonería en la Edad Media”, de autoria do Maçom e histori-

ador argentino Eduardo Callaey, fala sobre a palavra *giblis*, que foi assimilada pela Maçonaria Moderna como *giblim*, e que aparece nas Constituições de Anderson de 1723. Em uma nota de rodapé ela é descrita em seu significado como em referência aos “*talhadores de pedras chamados giblim, além de canteiros e escultores.*” A palavra seria originária do hebreu giblitas em referência aos habitantes da cidade fenícia de Guebel, à qual se crê tinha assentada ali, uma corporação de construtores. (Callaey, 2022, pág. 124)

Seriam os artífices dionisíacos?

O fato é que a aceitação dos Artífices Dionisíacos como elo inicial nessa cadeia facilita à aceitação de uma outra corporação que seguidamente é citada quando pesquisamos sobre as origens da Maçonaria, aliás, o Ir.'. Fort Newton, como já vimos, chegou a aventar a hipótese desses artífices terem passado os seus conhecimentos para os colégios de construtores da Roma antiga. Esses tais colégios romanos é o que veremos a seguir.

Continua...

NOTAS:

H. L. Haywood⁽¹⁾: (1886-1956) Escritor e historiador Maçom, autor de vários livros importantes, entre eles: “Maçonaria Simbólica: Uma Interpretação dos Três Graus”, “Capítulos de História Maçônica e Manuscritos Antigos”, etc.

Collegia Fabrorum⁽²⁾: Associação romana iniciada aproximadamente em 500 a. C. e que teria durado até 400 d. C. (época das grandes conquistas de cidades pelos romanos). Os romanos em seu avanço destruíam muitas cidades. Os Collegia Fabrorum, acompanhavam as tropas, vindo logo atrás. Era um grupo constituído por construtores, talhadores de pedras, artistas, carpinteiros, etc., cuidando de reconstruir tudo o que era de interesse para os conquistadores. Essas organizações possuíam um caráter religioso, politeísta e ofereciam seus trabalhos aos seus deuses protetores. Possivelmente, após os romanos aceitarem o Cristianismo tenham se tornado monoteístas.

Jean-Marie Rivière⁽³⁾ (Jean Marquès Rivière): (1903-2000), orientalista, ensaísta e jornalista francês, pertenceu à Grande Loja da França e anos mais tarde acabou rompendo com a Maçonaria. Se voltou para o fascismo e virou um inimigo da Maçonaria, ficando mais conhecido com o nome de Jean-Marquès Rivière. O Ir.'. Nicola Aslan citou-o em sua encyclopédia.

Mitraísmo⁽⁴⁾: também conhecido como “Mistérios Mitraicos” ou culto de Mitra, era uma religião de mistérios romana centrada no deus Mitra. (fonte: wikipédia)

mitreum⁽⁵⁾: (do latim: mithraeum). Caverna natural adaptada ou um edifício imitando uma. Havia bancos e prateleiras a longo das paredes e ao final geralmente um recesso na parede onde havia um santuário. Há muitos deles que foram encontrados nos territórios ocupados ou que pertenceram ao Império Romano.

Hipólito José da Costa⁽⁶⁾: (1774 – 1823) Jornalista, Maçom e diplomata brasileiro, patrono da cadeira 17 da ABL.



A HORA DO MAÇOM – MEIO-DIA EM PONTO

Podcast Ouça a matéria clicando aqui

Por Rosmunda Cristiano

O profano, talvez, encontre definições mais plausíveis: passa, marca e descreve acontecimentos, sejam eles passados, presentes ou futuros, não importa.

Na Maçonaria falamos sempre de dois tempos, o profano, que vivemos na natureza cíclica dos acontecimentos diários, e o iniciático, que se manifesta através do ritual e se liberta com uma força quase sobrenatural dentro do Templo, capaz de surpreender e fascinar o 'Aprendiz.

O Sol, portanto o Tempo, permanece fixo para quem sabe. Muitas vezes sublinhamos este conceito no ritual do Templo: marcamos o horário sagrado do meio-dia à meia-noite; O Tempo profano entra em “suspensão”, para nos conduzir ao

“Grande Tempo”, que não está marcado e não é convencional.

Terminadas as férias de verão, é chegado o momento de retomar os rituais e o trabalho sublime, que só nós conhecemos, destinado a desbastar a pedra bruta.

No livro “Destino como Escolha”, Thorwald Dethlefsen argumenta que o Tempo é qualidade e quantidade da mesma forma: A qualidade do Tempo não tem nada a ver com a duração, mas afirma que cada ponto do Tempo, ou seção do Tempo, pode ser uma hora, um segundo, uma década, possui uma certa qualidade, que só permite que surjam os fatos que sejam adequados a essa qualidade. Em suma, nesse momento específico, só podem ser realizados aqueles fatos cujos conteúdos “qualitativos” correspondam à respectiva “qualidade” do Tempo.

Com a retomada do nosso trabalho, a qualidade e a quantidade de tempo devem poder se encontrar para criarmos o tempo certo, ou seja, o tempo necessário para nos conhecermos cada vez melhor.

Com a luz certa, na hora certa, tudo será extraordinário.

Fonte: Expartibus

O Malhete
Informativo Maçônico, Político e Cultural

Anuncie Conosco

Faça uma parceria com a revista maçônica mais visualizada na web

Temos um espaço publicitário para divulgar a sua empresa, produtos ou serviços para milhares de leitores devidamente cadastrados de todo o Brasil e exterior

Contato: (27) 99968-5641
omalhete@gmail.com

TAPETES PAVIMENTO MOSAICO



- Modelos variados e à escolher
- Constituído de fibras de polipropileno com base de borracha
- Totalmente antiderrapantes
- Laváveis
- Personalizáveis
- Podem ser feitos em comprimentos de até 20m sendo a largura máxima de 2m



TELEVENDAS:

Rio (21) 2471-7647 21 99916-2845
Vitória (27) 3338-6688 27 99961-3018
Bahia (73) 98816-6032
contato@viniltapetes.com.br

[Solicite orçamento agora](#)

Tudo que você precisa

tem no Magalu



magazinehelenacastro

uma loja parceira do Magalu

Divulgador: Luiz Sérgio Castro
(27) 99968-5641



Clique aqui e confira



DIÁLOGO COM O MESTRE - A CRIAÇÃO E SUA TOTALIDADE

Podcast Ouça a matéria clicando aqui

Por João Alexandre Paschoalin Fº



Era época de Tishrei e os doze, após uma longa caminhada vinda de Betel, sentaram-se e relaxaram as margens do Mar da Galileia. E o dia estava se pondo quando os doze se alimentaram e se acolheram ao lado do fogo. Certo momento, o Mestre, ao terminar de tomar seu pão, notou que o mais novo dos doze não se encontrava com os demais e resolveu procurá-lo. Pouco tempo depois o viu senta-

do em uma rocha na base do monte. O discípulo, que era um dos mais amados do Mestre, olhava para o lago e admirava o reflexo do firmamento no espelho d'água. Foi então que um leve, porém firme toque de uma mão sobre o seu ombro esquerdo o tirou do transe.

— O que faz aqui isolado de seus irmãos? Não o vi comer entre eles. Por acaso há algo que o perturba? Disse o Mestre sentando-se ao lado do jovem.

— Não Rabi, estou apenas apreciando a obra do Eterno. Todas as coisas do céu se refletem na água, tal como um espelho. Tu nos dissesse que nossos sentidos são limitados e que nossa realidade é apenas aquilo conseguimos entender por meio destes, assim fico pensando quão infinita é a criação do Senhor além daquilo que não conseguimos compreender.

— Meu filho, o Eterno é a fonte criadora de todas as coisas manifestas e não manifestas. Ele criou o Todo a partir do Nada, criou o Caos e depois impôs Ordem. O todo não pode vir do nada, a não ser pelas mãos do Supremo.

E continuou o rabino:

— No princípio de Tudo havia apenas o “Não Ser” e todas as coisas não existentes ainda eram meras possibilidades.

Neste instante o Mestre tomou uma pedra em sua mão e a lançou no lago, que afundou e formou pequenas ondas a partir de seu centro.

— Vides o que fiz com a pedra?

— Sim, Rabi, tu a tomaste em tua mão esquerda e a lançou no lago.

— Pois assim era o D'us da Graça antes de iniciar a criação. O Eterno era estável, constante, infinito e indivisível, era o lago

antes de receber o golpe da pedra. No entanto, para começar a sua Criação, o Divino, que era até então indivisível, separou de Si uma centelha única. Dentro desta estava presente toda a dualidade potencial. Todavia, a dualidade sem equilíbrio facilmente converte-se em caos e desordem, foi aí que o Senhor dos Mundos adicionou a sua Luz e esta se tornou equilibrada. A monada fundamental estava criada. Contudo, para o ternário vir a se tornar novamente um, este deverá ser equilibrado pelo quaternário e, vendo essa necessidade, o Inefável criou quatro mundos iniciais: o da Emanação, o da Criação, o da Formação e o da Ação; e atribuiu a cada um destes um elemento. Ao mundo da Emanação foi atribuído o Fogo, ao da Criação foi atribuído o Ar, ao da Formação foi atribuída a Água e para a Ação foi-lhe conferida a Terra.

— Mas Mestre, como se deu o princípio da Criação?

— Todas as possibilidades que estavam dispersas no Nada foram condensadas em um ponto único, formando o “ovo cósmico”, átomo inicial. Todavia, tal como uma semente para germinar em sua totalidade precisa da luz do astro-rei, o Fogo Divino *Ain Soph* incidiu sobre a monada e esta começou a se expandir. E as partículas opostas se combinaram entre si e fecundadas pelo Fogo Divino e deram origem a mais partículas. Neste instante, foi criada pelo Eterno a Lei da dualidade. O mundo da Emanação havia se formado.

Cada partícula possuía velocidade de vibração própria, a qual



diminuía a medida em que se afastavam do princípio gerador inicial. O tempo ainda não existia, e os diferentes planos surgiram. O Supremo deu origem então ao Mundo da Criação, que recebeu o elemento ar. Foi aí onde o Tudo surgiu do Nada e a potencialidade se converteu em princípio.

Na proporção que a vibração das partículas reduzia em velocidade, a matéria se tornava cada vez mais densa, até o estado totalmente sólido. O tempo, o espaço e o Universo manifestado passaram a existir e a se relacionar. O Mundo da Formação foi finalizado, sendo a ele conferido o elemento Água.

E o Todo e o Tudo foram formados, todavia ainda havia o caos. Para estabelecer a ordem, o Eterno concebeu o Mundo da Ação. Os princípios ativo e passivo foram separados, assim como a terra do ar e a água do fogo. E as partículas se densificaram, umas mais do que outras, e deram origem aos planetas sólidos e gasosos, bem como às estrelas e aos luzeiros.

Foi então criada a realidade dos mundos manifestados e não manifestados, e estes vieram da centelha divina emanada do D'us Vivo, do Senhor do Todo, do D'us Santo, do Eterno, que, idealizou, concebeu, planejou e criou o Universo, e tudo isso motivado pelo Amor. Pois, assim como a mulher se torna mãe somente ao dar à luz ao seu filho, o Divino só pode ser D'us por meio da criação. Da mesma forma que a mulher sente as dores do parto, o Eterno teve de deixar sua estabilidade, constância e equilíbrio e ceder uma parte de si. Em ambos os casos, deve existir Amor.

E todas as coisas que não eram, vieram a ser a partir do Verbo emanado pelo Divino. O nada se tornou tudo, o não ser em ser, as possibilidades em princípios e o etéreo em matéria.

— Senhor, o que seria este Verbo que o Senhor dos Mundos usou para criar o Todo?

— O Verbo é o princípio, a manifestação da vontade criadora. Primeiro há a intenção, em seguida o desejo que se converte em vontade, a qual é lançada ao Universo por meio do Verbo. No entanto, para que as realidades sejam criadas, o Verbo deve vir seguido da Ação Planejada. A palavra é resultado da organização das letras que representam e materializam um pensamento. Entretanto, esta somente passa ao Verbo após ser vibrada no Todo. Somente a partir deste tempo é que o Verbo se torna realidade.

Antes de conceber o Todo, o Inefável criou o alfabeto com o qual materializaria seu pensamento tornando-o em Verbo. Foi com este que todos os sete princípios herméticos e todas as leis que regem os universos foram escritas.

Ao criar o Homem, a sua imagem e semelhança, D'us compar-



tilhou com Adam Kadmon sua língua e ambos conversavam no Éden. E foi por meio do idioma divino que o Homem se comunicava com todos os reinos naturais: vegetal, mineral e animal, e a eles deu seus nomes. E o Senhor dos Mundos passou para o Homem a sabedoria das letras, em que

cada uma possui um significado e um valor numérico. Toda-via, ao ser expulso do Éden, o Homem não mais pôde se comunicar diretamente com D'us e a natureza não pôde mais enten-

dê-lo. Mas, em sua misericórdia, o Senhor admirou as virtudes do patriarca Avrahan, que se dispôs em sacrificar seu único filho a pedido do Eterno. A ele foi conferida a palavra perdida e o conhecimento da Criação.

O alfabeto sagrado é composto de vinte e duas letras, nem vinte e uma e nem vinte e três, mas sim vinte e duas letras. Este é formado por três letras mães, sete duplas e doze simples, resultando em vinte e duas.

As três mães são Aleph (a primeira), Mem (a décima terceira) e Shim (a vigésima primeira). O somatório destas é trezentos e quarenta e um (341) e correspondem aos elementos Ar, Água e Fogo. O Fogo é o princípio ativo, a água o passivo, o ar é o mediador entre estes elementos. O ternário é o equilíbrio entre o um e a dualidade, entre a incerteza e certeza. O ar, a água e o fogo são os elementos originais da criação; a origem do céu é o fogo; a da atmosfera é o ar; a da terra é a água. O fogo sobe, a água desce, o ar é a estabilidade do firmamento. As três letras mães representam o físico, o astral e o psíquico; cabeça (fogo), coração (ar) e ventre (água), bem como o mundo superior.

As sete letras duplas são: Beth (a segunda); Ghimel (a terceira); Daleth (a quarta); Kaph (a décima primeira); Pê (a décima sétima); Resh (a vigésima) e Tav (a vigésima segunda), valendo juntas setecentos e nove (709). O mundo intermediário é representado por elas. Com estas, o Inefável criou os sete astros principais: Beth-Mercúrio; Ghimel- Lua ; Daleth-Vênus ; Kaph-Júpiter ; Pê-Marte ; Resh-Sol e Tav-Saturno . Estas são as sete portas da percepção humana: dois olhos, duas narinas, dois ouvidos e uma boca. Suas vibrações, ao serem proferidas, podem ser tanto fortes e positivas, como fracas e

negativas; evocando as dualidades humanas: vida e morte; paz e desgraça; sabedoria e tolice; riqueza e pobreza; cultura e ignorância; graça e desgraça; poder e servidão. São também os dias da semana e os da criação. Estas letras repousam sobre o sete (709).

As letras simples são: He (áries); Vav (touro); Cheth (câncer); Teth (leão); Yod (virgem) ; Lamed (libra); Num (escorpião); Samekh (sagitário); Ayin (capricórnio); Tsade (aquário); Qoph (peixes) e Zain (gêmeos); estas são em doze, pois este é o número composto para unidade e pela dualidade, são as tribos de Israel. Estas são o tempo no universo manifesto, o posicionamento das estrelas e pelos astros representados no zodiacal, as horas de duração do dia e os meses do ano (Shvat, Adar, Nisan, Iyar, Sivan, Tammuz, Av, Elul, Tsherei, Cheshvan, Kislev, Tevet). São elas que definem o mundo inferior e estão sob o número quatro. Essas são as doze diretrizes do homem: os dois pés; os dois rins; o fígado; a bílis; o baço; o cólon; a bexiga; artérias. Sua medida são as doze partes do mundo material, o Norte-Leste; o Sul-Leste; o Leste-altura; o Leste-profundidade; o norte-oeste; o sul-oeste; o Oeste-altura; o norte-profundidade. É o fundamento do homem natural: a visão, a audição, o olfato, a palavra, o coito, a nutrição, a ação, o movimento, a cólera, a satisfação, o sono e o instinto.

O alfabeto do Supremo nos faz entender relações entre coisas dos mundos, pois tudo veio do “um” e se relaciona com Ele, e tudo que veio Dele, faz parte Dele e se relaciona com o “um”. O tudo e o todo, o ser e o não ser vêm Dele e estão relacionados entre si; pois o Pai é o três; enquanto a mãe é o quarenta e um; a união de ambos é Geração. O homem e a mulher manifestos



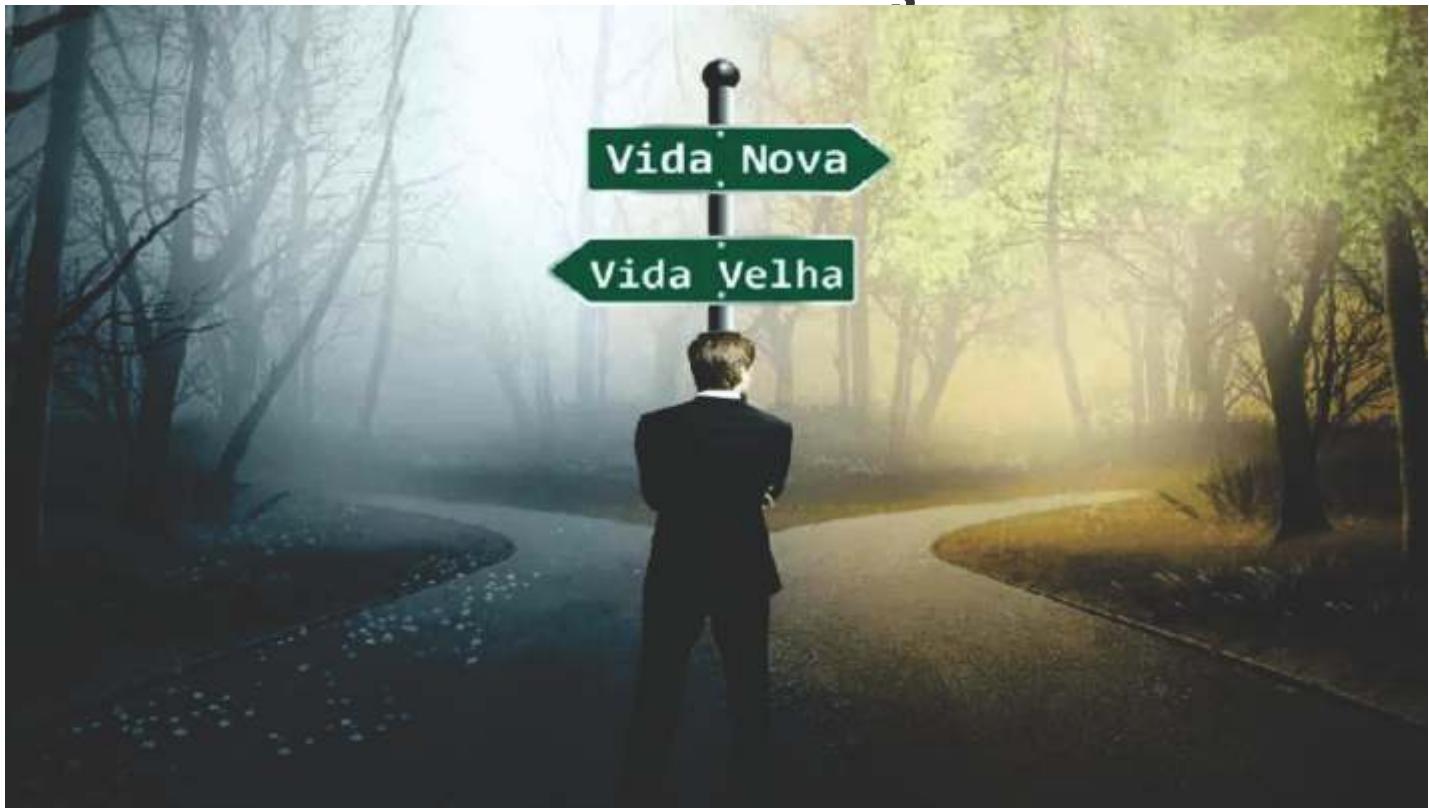
são cinco, mas se acrescentar o filho então se tornam o três; porque o três é o equilíbrio entre as coisas, é ponto entre os pontos, e a trindade das coisas que são e que serão.

Após ditas estas palavras, o Mestre levantou-se, estendeu sua mão direita sobre a esquerda e puxou o discípulo do chão.

— Venha comer, sente-se com seus irmãos e tome sua refeição junto destes. Não te preocupes com aquilo que ainda não lhe foi ainda revelado; se queres conhecer do universo e toda sua causa, tendes primeiro de se alimentar e descansar.

E o Mestre e o discípulo sorriram e voltaram para o acampamento, enquanto o firmamento se refletia no lago.

MUDAR OU DESAPARECER O DILEMA DA MACONARIA



Podcast Ouça a matéria clicando aqui

Por John L. Palmer - Tradução: J. Filardo

Existe, atualmente, uma crise na nossa Fraternidade?

Se sim, como posso ajudar?

Na história conhecida da Maçonaria, pelo menos desde que se vem contando os Maçons, o número de membros na nossa Fraternidade sempre oscilou, subindo e descendo.

Mas, à medida que o número de membros começou a declinar, surgiu um problema jamais enfrentado.

Mais ou menos no meio do século XX, uma Loja na Austrália estava lidando com o mesmo, ou pelo menos um problema similar de declínio de membros e interesse.

Eles perceberam que a razão pela qual o número de membros estava declinando era que os seus próprios membros não entendiam o que a Maçonaria realmente era; que como resultado, a Loja tinha sido transformada em algo completamente diferente do que pretendia ser; e, que os membros e possíveis membros eram apáticos sobre essa organização chamada Maçonaria.

Eles notaram que a ênfase tinha mudado de companheirismo, estudo filosófico e desenvolvimento espiritual para discussões superficiais sobre tópicos mundanos.

Eles insistiram que se a Fraternidade retornasse ao que eles acreditavam que uma vez fora, os homens, tanto membros quanto não membros, seriam atraídos, e o problema se resolveria por si mesmo.

Eles insistiram que os homens eram atraídos por coisas que eles consideravam valiosas e que os membros da Loja deveriam ser retratados como sendo de imenso valor a fim de atrair homens que se beneficiariam do crescimento intelectual e espiritual que a Fraternidade oferece.

Colocando a sua teoria em prática, criaram uma Loja com ênfase nas discussões intelectuais da filosofia e história maçônicas, eliminando assim muitas oportunidades de desviarem do objetivo.

Por todos os lugares, havia muitos maçons que não estavam realmente felizes com o que estava acontecendo nas suas Lojas.

Quando finalmente conseguiam se tornar membros da Fraternidade, ficavam desiludidos.

Quando viram o que os maçons realmente faziam nas suas

reuniões, ficaram muito desapontados.

Eles tinham esperado cerimônias majestosas e impressionantes; discussões profundas de assuntos que os desafiariam mentalmente; e a oportunidade de aprender sobre grandes mistérios aos quais, de outra forma, não teriam tido acesso.

Muitos destes jovens maçons tinham grande respeito pela Fraternidade antes de apresentarem petições e pelos homens que conheciam como Maçons, mas faltava alguma coisa.

Em vez disso, viam cerimônias que poderiam ou deveriam ter sido mais impressionantes, lidas num livro por um membro da Loja que lia mal e não entendia algumas das palavras, muito menos o significado dos rituais.

Eles viam homens assumindo obrigações solenes de fazer todo o tipo de coisas elevadas e, em seguida, prontamente se comportando como se não tivessem feito aquilo.

Quando eles perguntavam “por quê?” sobre partes das cerimônias ou dos rituais, eles eram instruídos a memorizar corretamente as palavras, pois ninguém sabia “por que” eles diziam e “o que” faziam.

Eles se perguntavam: “Em que eu me meti?

Não há algum lugar melhor onde eu quero gastar o meu tempo?”

Muitos destes homens se afastaram da Fraternidade, perdidos e desiludidos.

Alguns, no entanto, tiraram um tempo para aprender o ritual, ler a literatura, pensar sobre “o que” a Maçonaria deveria ser e decidiram que isso precisava retornar à Instituição que eles percebiam uma vez ter sido.

A partir daí, esta Loja Australiana passou a ter uma lista de

espera de homens querendo se tornar membros.

Eles aprenderam a ser mais exigentes com os seus membros e discutir assuntos mais esotéricos e filosóficos, além de enfatizarem a excelência na experiência iniciática transmitida.

Eles se enquadram no guarda-chuva que alguns chamam de “Restauração Maçônica” e organizaram-se para promover esses ideais.

Estaremos vivenciando, em pleno século XXI, situação semelhante à vivenciada por aquela Loja na Austrália???

Se sim, o que poderei fazer???"

Prezados leitores,

Ao realizar suas compras no Magazine Helena Castro, uma loja parceira do renomado Magalu, você não apenas adquire produtos de qualidade, mas também contribui diretamente com a Revista e o blog O Malhete. Cada compra gera uma comissão que alimenta nossos esforços em trazer conteúdo relevante e esclarecedor sobre a Arte Real.

Tudo que você precisa

tem no Magalu



magazinehelenacastro

uma loja parceira do Magalu

Divulgador: Luiz Sérgio Castro
(27) 99968-5641



Clique aqui e confira



**Dr. Jobson
Bortot Filho**

Especialista em
Cirurgia de
Catarata

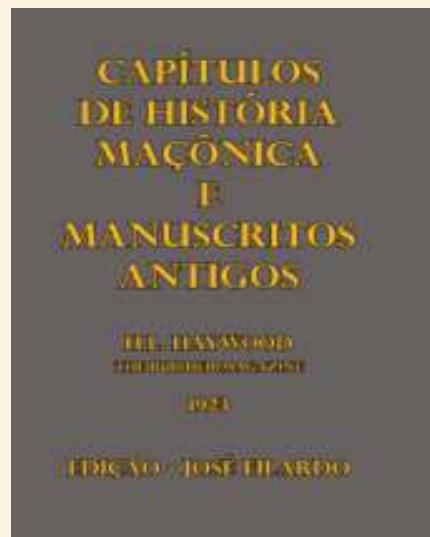
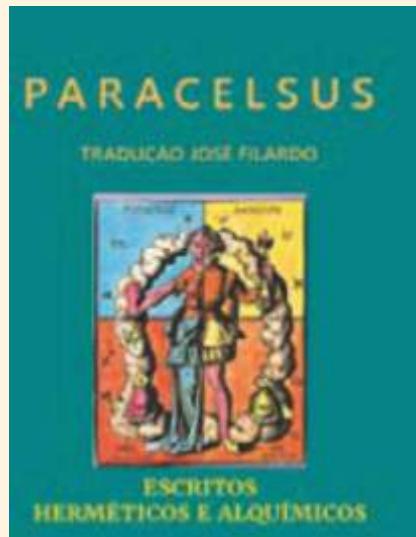
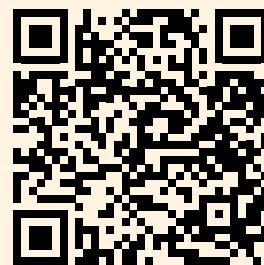
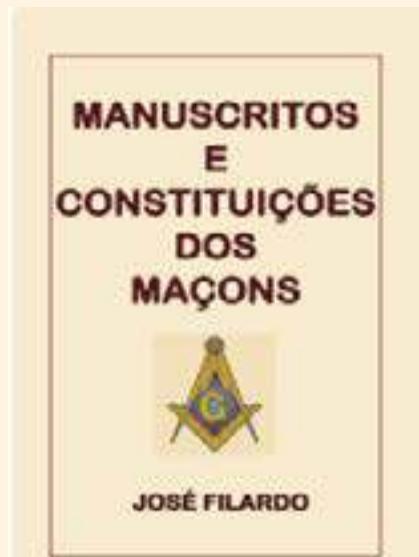
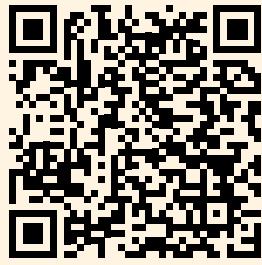
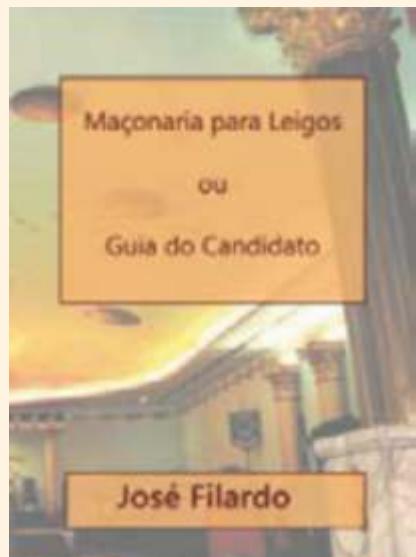


Clínica de Olhos Bortot



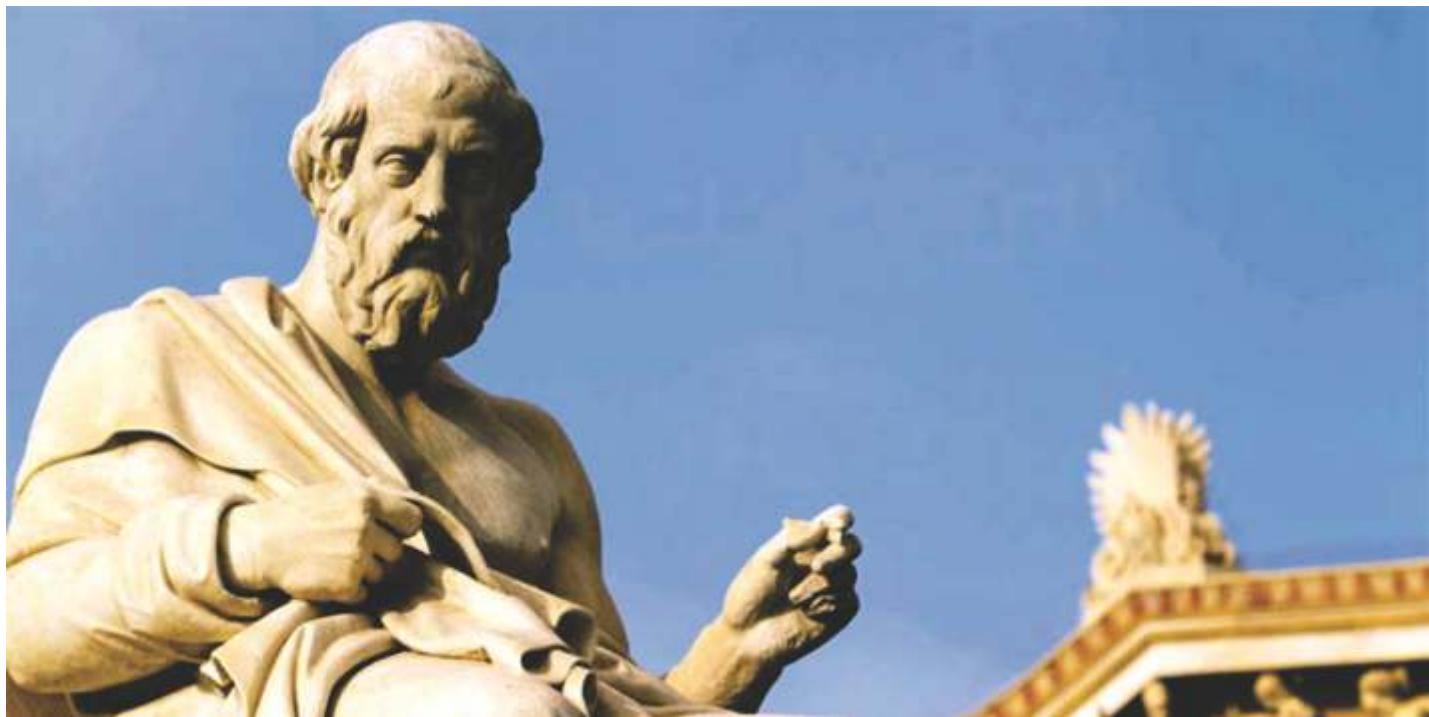
AGENDE SUA CONSULTA: 27 3371 - 1505

Av. João Felipe Calmon, 1098 - Centro - Linhares - ES
Anexo a Clínica Santa Lúcia



Clique na capa do livro ou em:

<http://bibliot3ca.com/2013/02/17/167/>



O SAGRADO E O PROFANO

Uma viagem à alma humana

Podcast Ouça a matéria clicando aqui

Platão, com sua sabedoria, nos convida a considerar a importância não só do nosso estado físico, mas também da nossa disposição mental e espiritual. Sua declaração “Deixe o profano na entrada do Templo!” não se trata de uma mera divisão entre o profano e o sagrado, mas um convite àqueles que buscam o conhecimento espiritual e a iluminação a deixarem de lado as preocupações materiais e superficiais da vida cotidiana.

O Templo Maçônico representa um lugar sagrado onde os maçons buscam a verdade, a iluminação e a harmonia espiritual. Esta frase de Platão vai além da simples separação entre quem está dentro e quem está fora. Representa uma

reflexão sobre a natureza do acesso ao Templo e a qualidade do indivíduo que busca cruzar esse limiar.

A criação de um espaço sagrado dentro da nossa Ordem é um ato de grande solenidade e significado, que ocorre através de uma combinação de rituais de abertura e criação de símbolos no chão. Este processo transforma o ambiente físico em um local de profunda importância espiritual. Contudo, a verdadeira essência da sacralidade reside no desejo profundo de explorar as dimensões internas do conhecimento e espiritualidade.

A busca pelo conhecimento e pela espiritualidade é uma jornada interna que envolve a mente e o coração. Requer um compromisso pessoal de procurar a verdade, de explorar a própria consciência e de procurar um significado mais profundo na vida. É um ato de auto exploração e autoconhecimento transcendência, na qual nos esforçamos para superar os limites da nossa compreensão e nos conectar com a essência mais profunda do ser humano.

A verdadeira sacralidade é, portanto, uma conexão interna com o divino, com o mistério que transcende a realidade comum. É um desafio constante explorar as fronteiras do conhecimento e da espiritualidade, procurar respostas às questões fundamentais da vida e encontrar um significado mais profundo na existência humana. Portanto, embora os gestos rituais sejam importantes para a criação de um espaço sagrado, é essencial compreender que a verdadeira essência da sacralidade reside no desejo profundo de explorar as próprias dimensões interiores. É uma jornada pessoal rumo à compreensão e à transformação, um compromisso contínuo com a

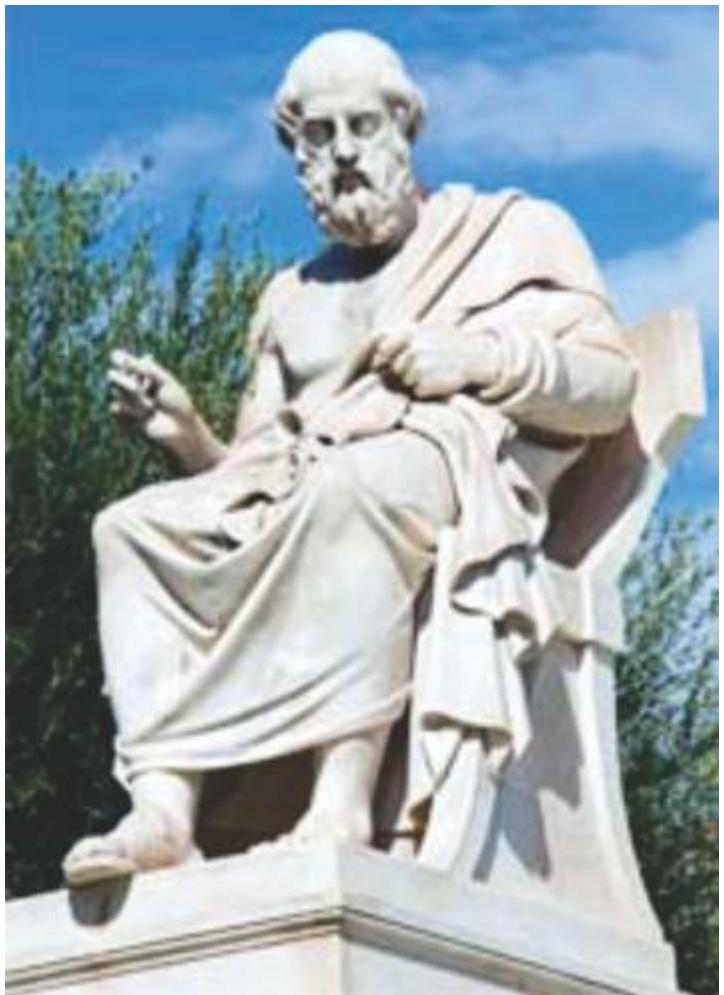
busca da verdade e do sentido da vida.

Platão, com a sua sabedoria, convida-nos a refletir sobre a dicotomia entre o profano e o sagrado, sugerindo que esta separação vai além de uma mera barreira material. Este desafio nos leva a explorar a dimensão mais profunda da nossa percepção e a buscar uma compreensão mais elevada.

A criação de um espaço sagrado dentro da nossa Ordem não é apenas uma questão de gestos rituais externos ou limites físicos. É um ato alquímico de transformação interna que requer uma atitude interna, uma disposição de mente e coração para entrar em contato com o sagrado.

Os símbolos e o simbolismo são ferramentas poderosas através das quais os seres humanos tentam dar sentido ao mundo e comunicar com o invisível. Esses símbolos atuam como uma ponte entre a realidade material e espiritual, permitindo aos humanos explorar o divino, o mistério e a transcendência.

A dessacralização é um processo complexo que envolve a interação entre instituições religiosas, mudanças culturais e sociais e as forças do Iluminismo. Não é simplesmente um resultado inevitável do progresso tecnológico ou da evolução



económica, mas tem sido fortemente influenciado pelas próprias instituições religiosas, particularmente pelas Igrejas. As Igrejas têm desempenhado um papel importante na distinção entre o sagrado e o profano, criando uma clara separação entre a esfera do sagrado, associada à lei divina, e a do profano, ligada à lei natural e moral. Esta distinção tem sido frequentemente usada para consolidar o poder e a autoridade religiosa.

No entanto, as Igrejas também contribuíram para a dessacralização através da degradação das crenças e práticas espirituais das culturas indígenas e tradicionais, rotulando-as como superstições ou heresias. Isto enfraqueceu a sacralidade intrínseca destas culturas e levou muitas pessoas a abraçar uma visão de mundo mais secular.

A Era do Iluminismo minou ainda mais a autoridade das crenças religiosas ao promover ideais racionalistas e científicos, levando a uma visão de mundo em que a religião e o sagrado eram frequentemente vistos como irrelevantes ou mesmo hostis ao progresso humano.

O termo “sagrado”, derivado da raiz latina “*sacer*”, destaca a sua importância na compreensão das dimensões espirituais e culturais da humanidade. Pelo contrário, o termo “profano”, derivado da expressão latina “*pro fanum*”, indica aquilo que não está ligado ao sagrado e que permanece no âmbito da vida quotidiana e na esfera da liberdade humana.

A dessacralização é um fenómeno complexo que reflete tensões entre religião, cultura e poder ao longo da história. Apesar das suas raízes históricas, continua a ser relevante hoje, à medida que as sociedades contemporâneas lutam para equilibrar os valores seculares com a busca de um significado espiritual. A



Caravaggio. Uma vida sagrada e profana

dicotomia entre o sagrado e o profano é uma característica definidora em culturas de todo o mundo. O sagrado oferece uma perspectiva transcendente e misteriosa, proporcionando orientação moral, propósito e uma conexão com o além-humano. Por outro lado, o profano representa o mundo cotidiano, a esfera em que os seres humanos vivem, trabalham e interagem.

A integração destas duas esferas é essencial para encontrar equilíbrio e harmonia na nossa existência. A dualidade entre essas dimensões oferece aos indivíduos a capacidade de vivenciar a plenitude da experiência humana, combinando a busca pelo significado espiritual com a ação no mundo cotidiano. O conceito de sagrado é universal e intrínseco à consciência humana. Isto sublinha a importância e a duração da procura do sagrado na evolução da cultura humana, demonstrando como é uma constante na procura da humanidade para dar um sentido profundo à existência.

Ao longo da história, muitas culturas desenvolveram práticas religiosas e tradições rituais para abordar o sagrado e celebrar esta dimensão misteriosa da experiência humana. Esta procura do sagrado não se limita às instituições religiosas organizadas; pode ser um componente significativo na vida de indivíduos de diferentes orientações espirituais ou filosóficas.

A dessacralização é um fenômeno complexo que reflete tensões entre religião, cultura e poder ao longo da história. Apesar das suas raízes históricas, continua a ser relevante hoje, à medida que as sociedades contemporâneas lutam para equilibrar os valores seculares com a busca de um significado espiritual. *O Homo religiosus*, o homem religioso, que mantém uma sensibilidade inata para o sagrado e o religioso, pode nunca ter desaparecido completamente. Esta sensibilidade também parece persistir no homem ocidental moderno, por vezes sem ser conscientemente reconhecido.

Esta ligação implícita com o sagrado e o religioso emerge através de um inconsciente coletivo, um arquétipo profundamente enraizado na psique humana. Esta sensibilidade permite-nos reconhecer facilmente as manifestações do sagrado e do religioso em culturas e épocas mais diferentes das nossas. Concluindo, a dicotomia entre sagrado e profano é intrínseca à condição humana e representa uma característica distintiva nas culturas de todo o mundo. A busca pelo sagrado na evolução da cultura humana demonstra como é uma constante nas pesquisas da humanidade para dar um sentido profundo à existência.

Carl Gustav Jung afirmou que “A religião é uma necessidade da alma humana, uma parte essencial de sua verdadeira natu-



Homo Religiosus

reza". Este sentido inato do sagrado e do religioso é uma característica intrínseca do ser humano, uma busca pelo Absoluto que só a alma humana parece ser capaz de perceber.

O conhecimento não deve ser considerado como uma forma de ignorância em relação a outras culturas ou crenças religiosas, mas como uma oportunidade de aprender tanto com o Outro como com nós mesmos. Este processo de compreensão mútua pode ajudar a redescobrir as raízes profundas da nossa sensibilidade intrínseca ao sagrado.

A busca do sentido e do Absoluto, elemento fundamental do *Homo religiosus*, nos une como seres humanos e nos permite superar as barreiras do tempo e do espaço. Esta investigação permite-nos estabelecer uma ligação mais profunda com o universo e com os outros, promovendo uma maior compreensão de nós próprios e dos outros.

Este artigo foi compilado da revista Athanor onde o autor é identificado somente com as iniciais V.G.



A REVISTA O MALHETE APÓIA O

OUTUBRO *Rosa!*

ABRACE ESSA CAUSA.

«Outubro Rosa: Juntos pela conscientização, pelo amor e pela esperança na luta contra o câncer de mama.»

O SIMBOLISMO DO JOGO DE XADREZ



Podcast Ouça a matéria clicando aqui

O jogo de xadrez presta-se a um interessante estudo simbólico. Basta citar dois exemplos célebres: o uso simbólico do tabuleiro de xadrez, na Idade Média, na bandeira dos Templários e um uso verdadeiramente esotérico, no caso do tabuleiro de xadrez relatado no centro dos Templos Maçônicos.

O tabuleiro é quadrado, dividido em quadrados pretos e brancos. Os quatro lados do tabuleiro representam as quatro direções e os quatro elementos. Outro número importante no xadrez é o oito. Cada lado é dividido em oito varreduras e o

total das caixas é $8 \times 8 = 64$. O oito representa o octógono, figura intermediária entre o quadrado – a terra – e o círculo – o céu. Indica uma tendência espiritual em desenvolvimento, um estágio intermediário e o caminho do iniciado. O tabuleiro de xadrez não é apenas a representação de um campo de batalha, mas, na sua divisão octonária, simboliza a elevação espiritual: um empurrão em direção ao espírito, em direção ao círculo, ao polígono com lados infinitos.

O tabuleiro poderia ser dividido em sete ou nove partes, mas num caso teria sido um jogo mais fácil e no outro mais difícil. Oito é uma espécie de número de equilíbrio entre um jogo muito fácil e outro muito difícil. Entre outras coisas, os índios, inventores do jogo, contaram oito planetas: mais uma ligação com o número oito.

Do ponto de vista macrocósmico, o tabuleiro de xadrez representa o mundo, enquanto do ponto de vista microcósmico é o mapa do espírito, em particular o espírito despedaçado do iniciado que se prepara para o desafio, uma mistura de preto e branco, luz e escuridão.

O jogo chegou à Europa graças à mediação persa e árabe. Originalmente a peça ao lado do Rei era o Conselheiro, mas na Europa transformou-se na Rainha, porque os peões foram assimilados a uma corte.

A passagem é significativa. A mulher tem um simbolismo próprio e preciso e pode ser relacionada à Sabedoria. O Rei, que representa o Eu, tem a Sabedoria ao seu lado. Uma característica interessante do jogo de xadrez - do ponto de vista simbólico - é a possibilidade de o peão conseguir chegar ao lado do adversário, transformando-se em rainha: uma espécie de jor-



nada iniciática, na qual após uma série de testes chega-se ao conclusão da Grande Obra.

O tabuleiro de xadrez é um campo de batalha onde dois exércitos se enfrentam. Existe uma disposição inicial precisa a partir da qual partem as peças. Todos os possíveis desenvolvimentos futuros estão contidos no layout inicial: a partir do mesmo ínicio, múltiplas batalhas podem se desenvolver. Sendo uma criação humana, as possibilidades são infinitas, mas ainda vastas em número. Nesta ideia de que inúmeras possibilidades podem ser desenvolvidas a partir de um mesmo desdobramento inicial, encontramos um símbolo do desenvolvimento do cosmos: o Um inicial, o ovo primordial, tem dentro de si todas as possibilidades de desenvolvimento futuro, como o desdobramento inicial do xadrez. No final do jogo as peças voltam à sua disposição inicial e uma nova batalha pode recomeçar, redescobrindo o conceito de ciclicidade.

(Retirado de: Alice no País das Maravilhas, de Vito Foschi



PROVÉRBIOS 22:6

"Eduque as crianças da maneira certa e, quando envelhecerem, elas não se desviaram."

Podcast Ouça a matéria clicando aqui

Por Richard Haley

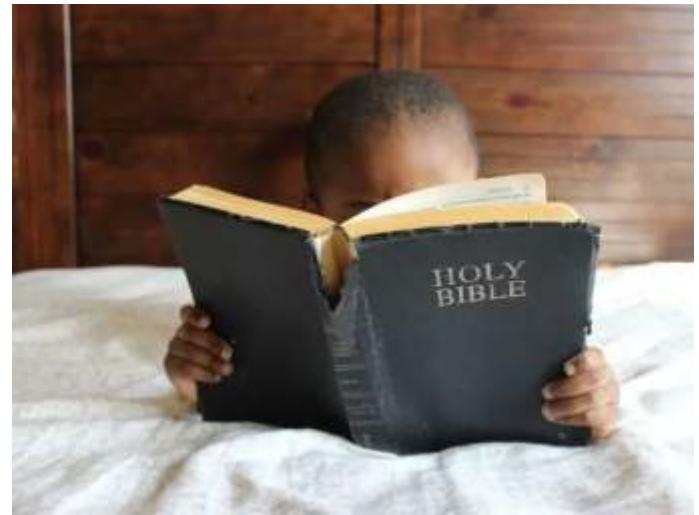


Certamente, a sabedoria deste versículo do livro das Escrituras Hebraicas chamado Provérbios, que tradicionalmente reflete a sabedoria de Salomão, parece óbvia, mas qualquer um de nós que é pai ou que consegue se lembrar da maneira como nossos pais nos criaram, sabe muito bem que é não é fácil treinar as crianças da maneira certa. Mas... nós tentamos! O mesmo se aplica à nossa jornada maçônica. Nosso ritual nos lembra que estamos constantemente em um momento de busca para sermos treinados no “caminho certo”, mesmo depois de atingirmos o elevado objetivo de Mestre Maçom.

Nosso cavalete espiritual e maçônico está sempre recebendo novos desenhos para nossa edificação. O treinamento maçônico nunca termina.

Identificamos e enfatizamos que um dos principais objetivos da Maçonaria é tornar os homens bons, homens melhores, e isso precisa de treinamento. Então, temos formas oficiais para que isso aconteça. O Caminho do Mestrado enfatiza a necessidade de treinamento. As expressões do Rito Escocês e do Rito de York da Maçonaria fornecem uma visão contínua sobre o que significa fazer parte da nossa Fraternidade e, assim, melhorar-nos na Maçonaria. Claro, existe a nossa organização juvenil para meninos e jovens emergentes, DeMolay, que lançou muitos de nós nesta estrada maçônica permanente de aprendizagem, treinamento e auto-aperfeiçoamento.

Tal como acontece com a criação de filhos, este treinamento maçônico da maneira correta não é fácil. Pode ser tentador simplesmente seguir em frente para se tornar um maçom. Faça um pouco de memorização conforme necessário, eleve-se ao nível sublime, participe de reuniões, faça novos amigos, aproveite as refeições e outras atividades relacionadas. Mas aqui fica a pergunta: esse processo contínuo de treinamento maçônico realmente fez diferença para você? Que efeito o fato de ser irmão Maçom teve em sua vida familiar, em seus relacionamentos, em sua atitude e em sua visão das pessoas diferentes de você? Você internalizou nossas várias lições ou são



Ensina a criança no Caminho em que deve andar, e mesmo quando idosa não se desviará dele. (Provérbios 22:6)



meras palavras que você memorizou uma vez ou que só usa durante os rituais de graduação? Parafraseando o versículo dos provérbios, você realmente foi treinado no caminho maçônico correto ou se desviou ou ficou estagnado nesse caminho?

É aqui que estou em tudo isso: toda vez que assisto ou participo de trabalhos maçônicos (graus, serviços memoriais, instalações, celebrações, etc.), saio melhor do trabalho porque fui lembrado de grandes verdades. Fui treinado novamente. Espero e rezo para que a maioria de nós esteja em jornadas semelhantes de treinamento e reciclagem para a auto-reflexão e o auto-aperfeiçoamento, pelo bem de nossas lojas, de nossa Fraternidade mais ampla e do mundo em que vivemos.

O Malhete

Informativo Maçônico, Político e Cultural

Anuncie Conosco

Faça uma parceria com a revista maçônica mais visualizada na web

Temos um espaço publicitário para divulgar a sua empresa, produtos ou serviços para milhares de leitores devidamente cadastrados de todo o Brasil e exterior

Contato: (27) 99968-5641

omalhete@gmail.com



REENCARNAÇÃO E MAÇONARIA

Podcast Ouça a matéria clicando aqui

Por Irmão Ken JP Stuczynski

A Maçonaria não exige uma crença particular na vida após a morte, apenas na imortalidade da alma – que alguma parte de quem somos continua de alguma forma após a morte corporal. A reencarnação não é uma crença comum nas religiões ocidentais tradicionais, mas pesquisas mostram que pelo menos um quarto dos cristãos acredita nela. Alguns dizem que isso é uma contradição, enquanto outros encontram confirmação ou pelo menos indícios da crença nas escrituras judaico-cristãs. A ideia também não era desconhecida dos místicos judeus e cristãos, provavelmente devido ao contato com a Índia desde a época de Alexandre, o Grande. Independentemente disso, o ponto de vista de viver vida após vida tem implicações profun-

das, consistentes com os valores maçónicos.

Uma consequência é a do legado. Enquanto a maioria de nós deseja deixar um mundo melhor para os nossos filhos, aqueles que acreditam na reencarnação também estão tornando o mundo melhor para si próprios. Seja qual for o mundo que construírem, terão de viver nele novamente. Não se trata apenas de uma passagem da tocha, mas de uma continuação do trabalho. Contemplando esse ponto de vista, podemos nos perguntar – mesmo hipoteticamente, se você não acredita na reencarnação – o que queremos fazer nesta vida que gostaríamos de continuar na próxima, ou colher seus benefícios? Que marca você poderia deixar no mundo de forma tão significativa que ser lançado aleatoriamente em outra vida garantiria ser afetado por ela?

Outra implicação é a ideia de que temos muitas chances, ou passos, para aperfeiçoar a pedra bruta, e nosso trabalho só pode ser entregue depois de apresentarmos uma pedra que seja verdadeira e quadrada. Esta é uma desculpa para ajudar na reforma dos outros e de nós mesmos, considerando que poucos, se houver, estão além da redenção. E que melhor maneira de sermos humildes do que saber que o nosso trabalho espiritual é maior do que a nossa vida de solteiro. A Maçonaria, tal como a Arte Operativa dos construtores de catedrais, ensina-nos que começamos o que outros terminarão e terminamos o que outros começaram, abrangendo vidas e gerações. Não podemos esperar fazer tudo durante os nossos poucos anos e não devemos lamentar isso como uma deficiência pessoal. Quão estranho seria, no grande desígnio da Deidade, que apenas devêssemos viver e morrer, quando propósitos mais glori-



osos exigem tempo voltado para a eternidade, A reencarnação também é o reverso da cultura YOLO (“You Only Live Once”) do libertino, ou do ateu materialista. Tal como na crença na recompensa celestial imediata, aqueles que abraçam a reencarnação não vivem para o momento, exceto como um prelúdio para um futuro. O que fazemos agora tem consequências reais para o nosso futuro nesta vida e na próxima (e na próxima).

Talvez seja uma ideia sensata para nós ou mesmo uma em que já acreditamos. Ou talvez nos pareça estranho, mas o sentimento deveria ser familiar às nossas crenças fundamentais, onde viajamos “de vida em vida”. Ou talvez rejeitemos a noção de reencarnação, mas ainda possamos aprender as suas lições. O poeta romano Sêneca diz: “Viva cada dia como uma vida separada”. Cada dia, ou vida, apresenta-nos uma nova tábua de cavalete, e mesmo que só consigamos ver o trabalho deste dia, sabemos que não o começámos, e que continuará muito depois de as ferramentas de trabalho da vida caírem das nossas mãos. E talvez as ferramentas estejam nos esperando novamente pela manhã.



REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS NA MAÇONARIA

Algumas reflexões epistemológicas sobre desenvolvimento do conhecimento em maçonaria: entre tradições, fatos, ideologias, mitologias e lendas.

Por Alexandre Gomes Galindo

Podcast  Ouça a matéria clicando aqui

Por Alexandre G. Galindo



A maçonaria possui ampla gama de definições de acordo com quem a define. É farta a relação de adjetivos que visam defini-la. Dentro eles, encontramos Instituição, Ordem, Escola, Associação, Entidade, Ideário, dentre outros. Entretanto, a maçonaria, entendida como um fenômeno social, cujas origens remontam desde antes da Idade Média, aglutina em todos os continentes pessoas em diversas instituições, ritos, obediências e potências que se autodenominam maçônicas e estabelecem processos conjuntos de reconhecimento mútuo.

Refletir e escrever sobre maçonaria significa estar constantemente frente ao desafio de diferenciar fatos, de mitos, de lendas e das próprias opiniões individuais. Este quadro se configura de forma explícita ao se perceber a amalgama de símbolos e alegorias adotados pelos mais variados rituais, ritos e sis-

temas que se autodenominam maçônicos, bem como dos sincrétismos formados pelas influências das mais variadas correntes de pensamento místico, filosófico e religioso que são incorporadas pelas diversas ordens maçônicas.

Sobre esse ponto de vista, os membros das Ordens e estudantes são levados a adotar um esforço epistemológico sério e honesto no intuito de distinguir de forma adequada as mais variadas manifestações do fenômeno maçônico nos diversos planos da realidade. É neste momento que surge o desafio de buscar a utilização adequada das possíveis vias de construção do conhecimento (senso comum, religião, mito, arte e ciência) que podem ser adotadas como ferramentas para leituras e intervenções.

Fatos “históricos”, bem como símbolos, mitos, alegorias e lendas convergem frontalmente para compor o extenso mosaico de expressões que caracterizam a maçonaria em suas dinâmicas de desenvolvimento e manifestações. Esta característica é frequentemente e fartamente observada na literatura maçônica, bastando apenas, a título de exemplo, apontar algumas obras de autores brasileiros como Louro (2006), Monteiro (2002), Da Camino (1982?), Cortez (2005), e Carvalho (1994; 1995; 1999) que resgatam a vasta gama de tradições, interpretações simbólicas, alegorias, lendas, histórias, usos e costumes maçônicos nos mais variados ambientes, níveis e graus.

Em consonância com esta necessidade de desenvolvimento do hábito de estudo e discernimento vale trazer a luz o que um destes estudiosos, acima citados, nos alerta:

Como temos destacado, sempre e constantemente, o conhe-

cimento maçônico é adquirido dentro das Lojas tanto simbólicas como filosóficas; o aproveitamento de cada palavra, de cada gesto, é o alimento quotidiano; sem conhecer o significado de cada elemento, pouco progredirá o estudioso.

Recordemos o mistério da “cabala”, que nos indica os valores das letras e dos números; a emissão de uma letra, quer no mistério de seu lançamento conjugado para formar a palavra e a frase; quer por escrito ou na magia da palavra oral, na valorização dos sons; e exata expressão, leva ao entendimento e esse à conscientização do porque, estamos participando de uma Instituição Milenar, embora, buscando com os homens selecionados, uma total integração fraterna. (DA CAMINO, 1982?. p. 10),

Entretanto, o cuidado em separar fatos registrados de opiniões/mitos/lendas deve ser evidenciado como traço moral básico dos estudantes e/ou membros sérios das Ordens maçônicas sob o risco de, propositalmente, ou não, haver profundas descaracterizações que podem provocar afastamentos significativos das raízes que sustentam várias das tradições originais, conforme a preocupação defendida por Carvalho:

[...] Numa tradição de mais de 660 anos repassada por muitos países e mais de 200 ritos, a Maçonaria enriqueceu seus Usos e Costumes.

O Manancial é tão grande e tão rico, que não se pode e não se deve deixar de divulgar para o maior número de Irmãos, possível. Desde o Poema Régius, e mais de 138 Old Charges, que foram recolhidas pelos pesquisadores, nossos Irmãos antepassados – através de mais de seis séculos. Muitos Usos, já não se praticam mais. O tempo – essa revolução permanen-



te, na construção do presente – vai soterrando o passado. Toda-via, em alguma Biblioteca Particular ou Pública, ou mesmo algum Diário guardado como recordação de algum ente querido, pode ter guardado um fato, um acontecimento maçônico, que não consta de nenhum outro registro. Às vezes é um fato desimportante para o homem comum, mas para o pesquisador maçônico, é mais um elo elucidativo, de uma cadeia rompida.

[...] Temos muitos defeitos como maçom e como escritor maçônico, mais ainda, todavia o “germe destruidor do Achismo”, nunca não nos atacou. Podemos ser [a]tacado e criticado como transcritor de textos de autores famosos – isso nunca negamos. Todavia, também, nunca deixamos de citar as fontes. As Notas Explicativas de nossos livros, estão ai confirmado o que dizemos. Sendo quase que um dicionário de Fontes de Pesquisa. (CARVALHO, 1994. p. 15-16).

A postura de separação de fatos, opiniões, mitos e lendas, por mais que aparentemente seja tarefa simples, nem sempre é assumida com êxito, pois o que pode ser denominado de “distorção histórica” nem sempre é capaz de ser facilmente classificado, através do rigor, como uma distorção propriamente dita, pois muitas vezes representam processos de “distorções de distorções”. Sobre este aspecto, podemos citar o fato de que “histórias comprovadas por documentos escritos” são basea-

das nas “histórias escritas por àqueles que elaboraram os documentos”.

Além disso, muitas das “distorções” não se tornam elementos descaracterizadores da maçonaria entendida como um processo em constante transformação, pois o que pode considerado “distorção” em um momento histórico se transforma em “tradição” em momento subsequente, a exemplo da própria origem do famoso terceiro grau da maçonaria simbólica, chamado de Mestre Maçom (CARVALHO, 1991. p. 51-58).



A complexidade do desafio do estudante/pesquisador também se torna evidente ao olharmos as próprias *Old Charges* e os próprios *Landmarks*, visto que, em muitos destes documentos (considerados como fundadores e demarcadores do que chamamos de maçonaria moderna) há a incorporação convergente e explícita de mitos, lendas, histórias, dogmas religiosos e marcos regulatórios de condutas para os membros que integram as Ordens. Como exemplo ilustrativo podemos destacar as obrigações para com as igrejas contidas na Carta de Bolonha (CARTA, 1248); as lendas, episódios bíblicos e enuncições envolvendo personagens históricos contidos no Poema Régis e nas Constituições de Anderson (O POEMA, 1390; CONSTITUIÇÕES, 1723) e os próprios *Landmarks* 3º referente a Lenda de Hiram, 19º referente ao Grande Arquiteto do Universo e 20º referente à imortalidade da alma publicado por



Albert Gallatin Mackey entre os anos de 1856 a 1859 (CARVALHO, 1999. p. 118-121).

Neste sentido, ao tecermos uma leitura de sobrevoo entre as diversas fontes de estudo maçônico, não se torna difícil perceber críticas de estudiosos que ancoram suas reflexões predominantemente nos fatos históricos registrados em documentos aos estudiosos que se fundamentam em interpretações baseadas em afirmativas sem fortes lastros históricos/documentais.

Entretanto, se houver o esforço em compreender o fenômeno maçônico como um processo de construção histórica e cultural que tem sofrido transformações provocadas pelas diversas sociedades a cada ciclo evolutivo, pode-se, desta forma, ampliar o leque de percepções e, em alguns casos, integrar de forma dialógica concepções que à primeira vista seriam consideradas antagônicas.

Uma das possibilidades de exercitar essa leitura dialógica em relação à maçonaria como fenômeno histórico e social pode estar ancorada na incorporação cuidadosa do conceito de “Tradições Inventadas” proposto por Eric Hobsbawm (HOBSBAWN; RANGER, 2008). Sobre esta perspectiva, a história, o mito, a lenda e a opinião “distorcida” da realidade podem dialogar em um campo de análise que engloba as relações de práticas, rituais, costumes e tradições maçônicas.

Por mais que Hobsbawm busque demarcar a diferença entre

costumes (que se situam na dimensão das convenções ou rotinas pragmáticas da vida) e tradições (que se situam na dimensão dogmática que envolve elementos simbólicos distintivos entre membros de determinada sociedade ou grupos sociais), o mesmo foi cauteloso em apontar que as tradições, entendidas como processo de formalização e ritualização buscam conexões com o passado e são inventadas com mais frequência:

[...] quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostra de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e de flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. [...] Ainda assim, pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem adaptados. (HOBBSAWN; 2008. p. 12-16.).

Sobre este ponto de vista, fundamentado nos estudos das transformações de práticas sociais escocesas, nórdicas, britânicas, indianas, africanas e europeias entre os séculos XVIII a XX, o referido pesquisador categoriza as tradições inventadas naquelas que 1) simbolizam coesão social ou as condições de admissão de um grupo, 2) estabelecem ou legitimam instituições, status e/ou autoridade e 3) buscam socialização, inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento, devendo as mesmas serem analisadas como processo.

Neste sentido, ainda vale o destaque de Cannadine (2008) que alerta para o fato de que a análise limitada aos registros de textos, deixando de lado a natureza do processo e a descrição do

Quadro 1- Aspectos que devem ser investigados ao se analisar os ritos sob a perspectiva da invenção das tradições.

ASPECTO	DESCRÍÇÃO
Primeiro	Poder Político do Líder (grande/pequeno; crescente/decrescente).
Segundo	Personalidade e imagem do Líder (amado/detestado; respeitado/insultado).
Terceiro	Natureza da estrutura econômica e social da sociedade por ele governada (local/provincial/pré-industrial/urbana/industrial/regida por critérios de classe).
Quarto	Tipo, alcance e posicionamento dos meios de comunicação (vivacidade e a imagem que a imprensa descreve a cúpula/nobreza/Liderança).
Quinto	Tecnologia e costumes (de que forma a liderança faz uso das tecnologias e das modas).
Sexto	Autoimagem da sociedade (confiante/preocupada/ameaçada; aderente/resistente a determinados temas sociais locais/regionais/nacionais/internacionais).
Sétimo	Condição da Sede/Capital dos ceremoniais da Liderança (mediocre/sem atrativos; magnífica/ostentadora; cenário, propício ou não, para os rituais e cerimônias).
Oitavo	Atitude dos responsáveis pela liturgia, música e organização (indiferentes/incompetentes; dispostos/competentes)
Nono	Natureza do ceremonial segundo sua execução (mediocre/descuidado; magnífico/espetacular).
Décimo	Exploração comercial (fabricantes acreditam ou não que podem lucrar com a venda de produtos vinculados).

Fonte: adaptado de Cannadine (2008)

contexto, se tornam frágeis e superficiais, destacando dez aspectos dos rituais que devem ser também concomitantemente investigados, conforme apresentados no quadro 1.

Após trilhar este breve percurso, que evidencia alguns ele-

mentos relacionados com o estabelecimento de métodos de leituras mais apurados das tradições sociais, não se torna muito difícil apontar processos de estabelecimento de tradições criadas nos diversos ritos/rituais da maçonaria desde seus primórdios. Neste sentido, podemos destacar os processos de iniciação de novos membros; o estabelecimento de paramentos distintivos dos vários graus, ritos e autoridades/dignidades; as incorporações de elementos das mais diversas correntes místicas, filosóficas e religiosas nas práticas ritualísticas e litúrgicas da maçonaria; as adoções de regras e rituais de tratamento e precedência maçônicas; a adoção de sinais toques e palavras de identificação e diferenciação maçônicas; dentre outras.

Vale destacar, que as linguagens simbólicas e alegóricas tradicionalmente usadas na maçonaria (e ancoradas em uma multiplicidade de objetos e temáticas), por suas naturezas, possibilitam a existência e surgimento de planos capazes de gerar e sustentar mitos e lendas ao lado de fatos históricos que, em conjunto, são incorporados nas tradições maçônicas para dar sustentação ao desenvolvimento de valores considerados pelas ordens maçônicas como nucleares da prática humana.

Baseado neste pressuposto, percebe-se que o mítico e o místico (que também demandam um cuidado especial em suas definições conceituais) são continuamente alimentados e reforçados como ferramenta de formação humana que frequentemente se materializa de forma diversa, a exemplo do



mito do bode; da prática do uso do triponto nas assinaturas; do descalçamento e da corda no pescoço em cerimoniais de iniciação; dos ângulos do compasso nos trabalhos dos graus simbólicos; do significado da “Loja de São João”; do local de acento dos aprendizes; da circulação durante os trabalhos nas Lojas; no formato das Lojas e de seus Pavimentos Mosaicos, Orlas Dentadas e Colunas; dos significados do Sol, Lua, Estrela Flamígera e Letra G; dentre outros, que, conforme Ismail (2012) possuem sentido e origem fundamentados em práticas lastreadas em fatos, mas que também incorporam múltiplas interpretações fundamentadas em mitos, lendas e opiniões pessoais.

Percorrendo o epílogo da presente reflexão, vale destacar o fato de que a partir do iluminismo do século XVIII várias transformações na Europa ocorreram, gerando alterações significativas nos diversos sistemas políticos e culturas existentes, processos esses largamente estudados por uma gama significativa de pesquisadores, inclusive no que tange aos limites (ou “ingenuidades”) dos paradigmas modernos adotados, onde podemos trazer as reflexões de Souza Santos (2005) referentes às crises nas dimensões sociais, políticas e culturais e de Bauman (1999) referentes aos efeitos da ambivalência gerada pelo confronto entre as concepções do moderno e do contemporâneo.

Para Hobsbawm (2008b), o processo histórico de transformações na Europa durante os séculos XIX e XX foram também marcados por “novas tradições” oficiais (políticas) e não-oficiais (sociais) podendo ser considerado o período de maior produção de tradições observadas.

Ao concluirmos esta trajetória temos o nítido entendimento da importância do cuidado metodológico necessário durante a pesquisa maçônica e da necessidade do estudante e praticante buscarem permanentemente assumir suas posições como observadores rigorosos da realidade e moralmente honestos ao explicitarem o que, em seus entendimentos, compreendem como história, mito, lenda ou visão conspirativa daquilo que está sendo abordado.

3-REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e ambivalência. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999.
- CANNADINE, David. Contexto, execução e significado do ritual: a monarquia britânica e a “Invenção da Tradição”. In: HOBSBAWN, Eric.; RANGER, Terence (Org.) A Invenção das Tradições. 6. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.
- CARTA de Bolonha: Statuta et Ordinamenta Societatis Magistrorum Tapia et Lignamiis. 1248. Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/a-carta-de-bolonha-de-1248-e-%C2%B4-v-%C2%B4/>>. Acesso em: 03 out. 2018.
- CARVALHO, Assis. A maçonaria: usos e costumes. Vol. 1. Londrina: “A Trolha”, 1994.
- CARVALHO, Assis. A maçonaria: usos e costumes. Vol. 2. Londrina: “A Trolha”, 1995.
- CARVALHO, Assis. A maçonaria: usos e costumes. Vol. 3. Londrina: “A Trolha”, 1999.
- CARVALHO, Assis. O Mestre Maçom: Grau 3. Londrina: “A Trolha”, 1991.
- CONSTITUIÇÕES da Antiga Fraternidade dos Maçons Livres e Aceitos sob a guarda da Grande Loja de Londres fundada em 24 de junho de 1717: Constituições de Anderson. 1723. Disponível em: <<https://bibliot3ca.com/constituicao-de-anderson-texto/>>. Acesso em: 04 maio 2019.
- CORTEZ, Joaquim Roberto Pinto. Maçonaria: origens, teoria, prática. Londrina: “A Trolha”, 2005.
- DACAMINO, Rizzardo. Lendas Maçônicas: Literatura Maçônica- Rito Escocês Antigo e Aceito. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Aurora, 1982?.
- HOBSBAWN, Eric. A Invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric.; RANGER, Terence (Org.) A Invenção das Tradições. 6. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008a.
- HOBSBAWN, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWN, Eric.; RANGER, Terence (Org.) A Invenção das Tradições. 6. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008b.
- HOBSBAWN, Eric.; RANGER, Terence (Org.) A Invenção das Tradições. 6. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.
- ISMAIL, Kennyo. Desmistificando a maçonaria: rituais, simbologia, ordens, maçonaria brasileira, religiões e mulheres na maçonaria. Londrina: Editora Universo dos Livros, 2012.
- LOURO, José Barbosa. Símbolos. Londrina: “A Trolha”, 2006.
- MONTEIRO, Eduardo Carvalho. Maçonaria e as tradições herméticas. Londrina: “A Trolha”, 2002.
- O POEMA Regius ou Manuscrito Halliwell. 1390. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/solabif/regius.html>>. Acesso em: 03 out. 2018.
- SOUZA SANTOS, Boaventura de. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 10 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

CURRÍCULO DO AUTOR:

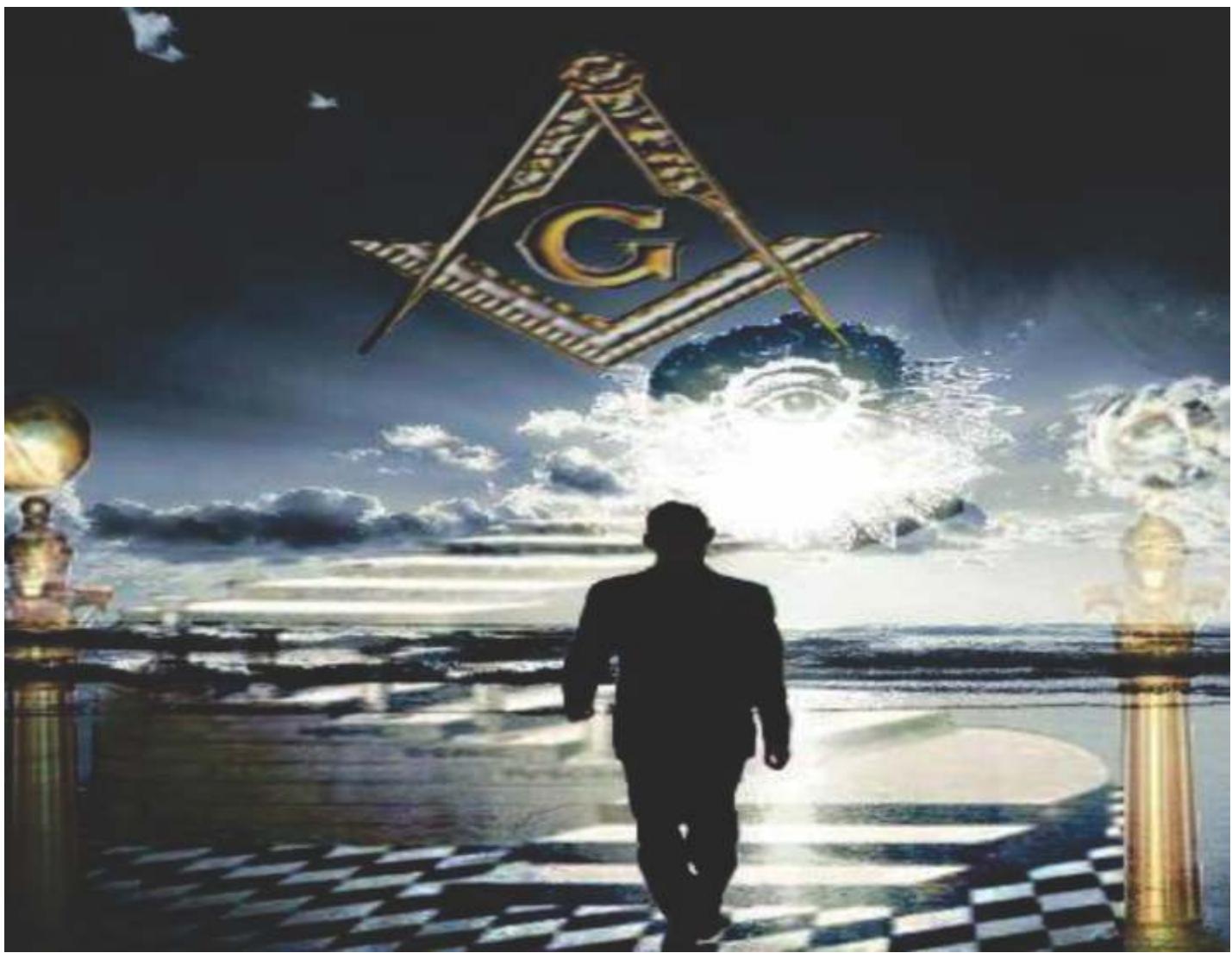
ALEXANDRE GOMES GALINDO

- Bacharel e Mestre em Administração; Doutor em Sociologia.
- Docente do Curso de Bacharelado em Administração e do Curso de Administração Pública (EaD) da Universidade Federal do Amapá.
- Mestre Maçom do Grande Oriente do Brasil-Amapá (GOB/AP)
- Membro Efetivo da Academia Amapaense Maçônica de Letras-AAML, Cadeira nº 19-Patrono Joaquim Nabuco.
- Membro Fundador e Diretor de Informação e Tecnologia da Academia Maçônica Virtual Brasileira de Letras-AMVBL, Cadeira nº 07-Patrono Joaquim Nabuco.
- Membro Honorário da Academia de Ciências, Letras e Artes Maçônicas do Grande Oriente do Brasil no Pará-ACLAM/GOB-PA.

CONTATO:

Celular/Whatsapp: (96) 98131-1222

E-mail: alexandregalindo01@gmail.com



TORNAMOS BONS HOMENS MELHORES?

Podcast Ouça a matéria clicando aqui

Por Matthew Wissell

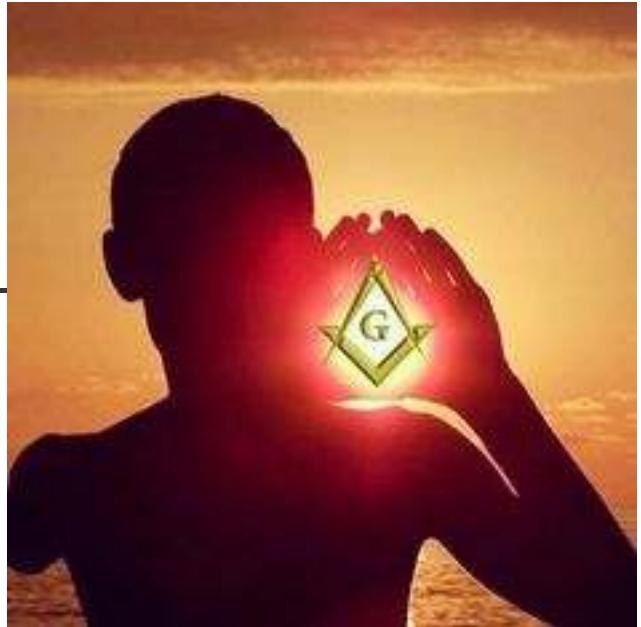
Como maçons, quando questionados por aqueles sem experiência na Arte o que exatamente fazemos, muitas vezes respondemos com a frase: “Tornamos melhores os homens bons”. Parece nobre e glorioso. O que acontece a seguir é que apresentamos uma lista de iniciativas de caridade nas quais podemos ou não estar pessoalmente envolvidos. Poderíamos mencionar as amizades que desenvolvemos desde que ingres-

samos na Loja. Talvez até mencione as atividades ou eventos dos quais fomos abençoados por participar por causa da Fraternidade. Raramente, ou nunca, mencionamos como nos tornamos homens melhores através do nosso envolvimento na Maçonaria.

Então isso levanta a questão. Será que realmente vemos a Loja como um lugar onde nos tornamos homens melhores? Ou somos simplesmente mais um clube ou organização de serviço? Viemos a Loja para sair com os amigos e nos divertir ou nos reunimos com a esperança de mudar para melhor? Acho que cada um de nós tem que responder a essa pergunta por si mesmo. Isso vai direto ao cerne do nosso propósito.

O que as pessoas dizem sobre você desde que ingressou na loja? Eles comentam sobre o quanto ocupado você está e quantas noites por semana você sai? Eles perguntam para qual função você vai no sábado? Eles mencionam os hobbies e atividades que você praticava antes de ingressar na Maçonaria? Eles já disseram que você é uma pessoa melhor? Eles alguma vez notaram alguma mudança positiva em suas atitudes ou perspectiva de vida depois de se tornar maçom? Eles apreciam mais as interações que você tem com outras pessoas desde que ingressaram?

Se realmente acreditamos que existimos para tornar os homens bons melhores, então precisamos fazer um esforço



para que isso aconteça. Isso não acontecerá por acaso ou por osmose. Temos que trabalhar nisso. Temos que dar mais do que apenas falar dos grandes ensinamentos de nossos cursos. Temos que colocá-los em ação em nossas Lojas e em nossas vidas. Uma coisa é poder repeti-los de memória. Outra coisa é inculcá-los em nossa vida diária.

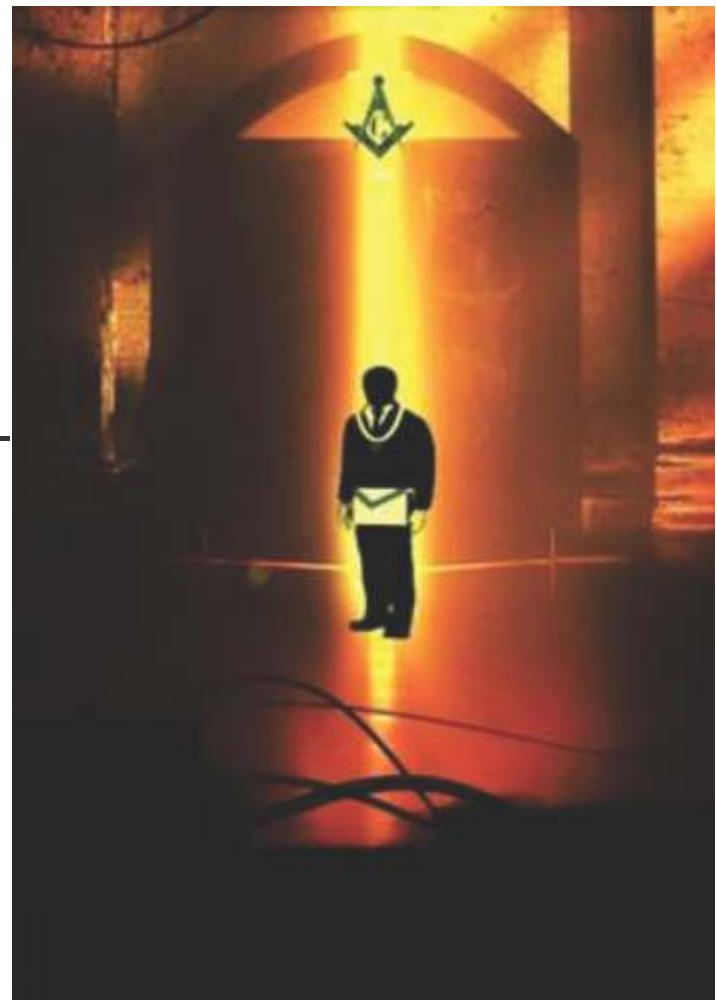
A questão então é: como você intencionalmente torna os homens bons melhores? Que passos você toma? Existem certos protocolos ou práticas que são eficazes? Como seria se decidíssemos nos concentrar em realmente tornar os bons homens melhores? O que poderíamos fazer?

Sinceramente não acredito que seria muito complicado. Não estou afirmando que seja fácil, não é. Mas é um conceito muito simples de entender, mas desafiador de executar. Isso exigiria um processo de responsabilização mútua. A disposição dos irmãos de responsabilizar uns aos outros e de serem responsabilizados. Simples de entender, difícil de realizar.

Não estou sugerindo que isso precise acontecer como parte de uma comunicação mensal, mas sim como parte da vida da Loja. O que aconteceria se os irmãos formassem pares ou pequenos grupos com o propósito de responsabilizar uns aos outros? E se, olhando pelas lentes dos ensinamentos da Fraternidade, pedíssemos ajuda uns aos outros para resolver um problema de nossas vidas? Fizemos votos nos unindo um ao outro. Por que não quereríamos apoiar uns aos outros na busca de ser um homem melhor?

Meus irmãos, as palavras importam. Como vivemos nossas vidas é importante. A integridade é importante. Integridade no sentido clássico de que nossas palavras e nossas ações estão

integradas. Deveria ser o objetivo de todo ser humano viver dessa maneira, mas mais especialmente o nosso como maçons. Não pretendemos ser medianos. Afirmamos que nos baseamos em padrões mais elevados do que a base social do que é certo e errado. Não deveríamos tentar viver a nossa reivindicação no mundo. Imagine o que aconteceria se o fizéssemos? Isso mudaria a conversa. “Então, exatamente o que vocês fazem em Loja?” “Nós tornamos os bons homens melhores.” “Realmente?” “Bem... posso dizer o que isso fez por mim.” Quanto mais estima teríamos aos olhos da comunidade. Quão maior seria a nossa história para o mundo. Vamos mudar a conversa. Esforcemo-nos para viver de acordo com o nosso propósito autoproclamado. Vamos fazer a diferença em nossas vidas e na dos outros.



Malhete

**Seja um apoiador do Blog
e da Revista O Malhete**

Faça uma doação de qualquer valor

 Chave Pix

27999685641



A REVISTA O MALHETE APÓIA O

O OUTUBRO, *Rosa!*

ABRACE ESSA CAUSA.

«Outubro Rosa: Juntos pela conscientização, pelo amor e pela esperança na luta contra o câncer de mama.»